



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, ATUÁRIAS,**  
**CONTABILIDADE E SECRETARIADO**  
**CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

**PEDRO GARMENDIA ORBAÑANOS NETO**

**ANÁLISE DOS FATORES QUE TORNARAM A CHINA O MAIOR PRODUTOR**  
**INDUSTRIAL E O MAIOR EXPORTADOR DO MUNDO NO PERÍODO DE 2000 A**  
**2012**

**FORTALEZA**  
**2014**

PEDRO GARMENDIA ORBAÑANOS NETO

ANÁLISE DOS FATORES QUE TORNARAM A CHINA O MAIOR PRODUTOR  
INDUSTRIAL E O MAIOR EXPORTADOR DO MUNDO NO PERÍODO DE 2000 A 2012

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de  
Ciências Econômicas da Universidade Federal do  
Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de  
Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientador: Prof. Fabio Maia Sobral

FORTALEZA

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca da Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade

- 
- O73a Orbañanos Neto, Pedro Garmendia.  
Análise dos fatores que tornaram a China o maior produtor industrial e o maior exportador do mundo no período de 2000 a 2012 / Pedro Garmendia Orbañanos Neto. – 2014.  
54 f. : il. color., enc. ; 30 cm.
- Monografia (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, Curso de Ciências Econômicas, Fortaleza, 2014.  
Orientação: Prof. Dr. Fabio Maia Sobral.
1. Política industrial. 2. Exportação-China. I. Título.

PEDRO GARMENDIA ORBAÑANOS NETO

ANÁLISE DOS FATORES QUE TORNARAM A CHINA O MAIOR PRODUTOR  
INDUSTRIAL E O MAIOR EXPORTADOR DO MUNDO NO PERÍODO DE 2000 A 2012

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Econômicas.

Aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Fabio Maia Sobral (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. André Vasconcelos Ferreira  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Carlos Américo Leite Moreira  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por sua força em momentos difíceis, pois Ele estava comigo quando ninguém mais estava e sempre foi meu auxílio, proteção e socorro bem presente em tempos difíceis.

Agradeço à minha família por todo suporte que me deram desde o meu nascimento. Em especial minha mãe (minha maior incentivadora), por acompanhar toda minha trajetória acadêmica e pessoal. Agradeço à minha avó, por ajudar na minha criação e participar da minha educação. Aos meus irmãos por muitos favores já feitos, ao meu pai, minhas tias avós, que estiveram sempre por perto me ajudando nos meus estudos. E *in memoriam*, meu tio Eleônidas, que pagou todos os meus estudos, mesmo após seu falecimento, até eu ingressar na universidade pública.

Não vou esquecer dos amigos de faculdade como o Thiago Ricarte, João Mairton (mais conhecido como Doug ou Curujito Bebezão). A Joyce Cintra, que me deu muitas caronas para casa. A Camila, e nossas muitas conversas na faculdade. Aos conselhos acadêmicos da Luciana Rodrigues, pessoa muito inteligente. Ao Sérgio e suas muitas histórias, que me ajudou bastante comprando um livro pra mim no sebo virtual.

No trabalho também conheci pessoas que me deram bastante força, como minhas três muito amigas do Comex: Kallyne de Paula (a famosa “Kak”) para minha monografia.

Agradeço bastante ao meu professor orientador Fábio Sobral, por sua humildade e seus conselhos que me ajudaram bastante na elaboração dessa monografia e aos professores da banca André Vasconcelos e Carlos Américo, que aceitaram o desafio de ler minha monografia e participar do meu processo de graduação.

Agradeço a todos que de certa forma me ajudaram nesse processo acadêmico e na minha vida pessoal e profissional, mas não pode ser lembrado nominalmente. Que Deus abençoe a todos.

## RESUMO

Este trabalho objetiva estudar os fatores que levaram a China a se tornar o país de maior produção industrial em 2009, assim como o país que mais exporta no mundo em 2010. São abordados os fatos que levaram ao declínio das exportações alemãs e também abalaram a produção industrial dos Estados Unidos. É feito um breve resumo da abertura comercial chinesa a partir de 1978 por Deng Xiaoping. O centro do trabalho é expor a política industrial chinesa, que foi planejada pelo governo para modernização de setores estratégicos, assim como grandes investimentos em infraestrutura e atração de investimentos estrangeiros. Outros fatores como os baixos custos de produção, e o câmbio desvalorizado foram fundamentais para expansão das vantagens competitivas da China no comércio mundial. Este trabalho também se propõe a explicar a evolução dos investimentos estrangeiros, atraídos primeiramente pelas vantagens fiscais e subsídios das Zonas Econômicas Especiais, que trouxeram para China tecnologias e capital para maior desenvolvimento de sua indústria.

**Palavras-chave:** China. Política Industrial. Deng Xiaoping. Crescimento das exportações.

## **ABSTRACT**

This work aims to analyze the factors that led China to become the largest industrial output country in 2009, as the most exports country in the world in 2010. Are discussed the facts that led to the decline of German exports and industrial production decline of the United States. It made a brief summary of China's trade liberalization from 1978 by Deng Xiaoping. The center's work is exposing China's industrial policy, which was planned by the government to modernize strategic sectors, as well as large investments in infrastructure and attracting foreign investment. Other factors such as low production costs and an undervalued currency were crucial to expanding the competitive advantages of China in world trade. This work also aims to explain the evolution of foreign investments, primarily attracted by tax incentives and subsidies from Special Economic Zones, which brought to China to technology and capital to further develop their industry.

**Key words:** China, Industrial policy, Deng Xiaoping, Export growth.

## LISTA DE GRÁFICOS

|                                                                                       |    |
|---------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Gráfico 1 – Investimento Fixo Bruto (%) – 2004-2011.....                              | 23 |
| Gráfico 2 – Fiação e tecelagem: custo horário da mão de obra – 2002.....              | 33 |
| Gráfico 3 – Reservas em moeda estrangeira e ouro (US\$) – 2004-2011.....              | 38 |
| Gráfico 4 – China: Taxas de variação do PIB por região .....                          | 51 |
| Gráfico 5 – Produção diária de barris de petróleo em milhões – 2001-2011.....         | 42 |
| Gráfico 6 – Consumo diário de barris de petróleo em milhões – 2001-2011 .....         | 42 |
| Gráfico 7 – Importação de petróleo em milhões de barris por dia – 2001-2011.....      | 43 |
| Gráfico 8 – Produção de gás natural em milhões de metros cúbicos – 2001-2011 .....    | 43 |
| Gráfico 9 – Consumo de gás natural em milhões de metros cúbicos 2001-2011.....        | 44 |
| Gráfico 10 – Importação de gás natural em milhões de metros cúbicos – 2001-2011 ..... | 44 |

## LISTA DE TABELAS

|                                                                                                         |    |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Tabela 1: Fluxos de IED para economias selecionadas no período 1985-2003 (em US\$ milhões e em %) ..... | 30 |
| Tabela 2: Média anual da taxa de câmbio de 1 <i>yuan</i> chinês – 2000-2012.....                        | 36 |
| Tabela 3: Grau de abertura – China (1980 a 2003) em % do PIB – 1980-1991 .....                          | 41 |
| Tabela 4: Comércio Exterior chinês, segundo intensidade tecnológica – 1990 e 2005.....                  | 47 |

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

BC: Banco Central

BPoC: Banco Popular da China

EMN: Empresas Multinacionais.

HBW II: Hipótese de Bretton Woods II

IED: Investimento Estrangeiro Direto

ISO: International Organization for Standardization

P&D: Pesquisa e desenvolvimento

ZEEs: Zonas Econômicas Especiais

## SUMÁRIO

|          |                                                                                                   |    |
|----------|---------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>1</b> | <b>INTRODUÇÃO</b> .....                                                                           | 12 |
| <b>2</b> | <b>HISTÓRICO DO PROCESSO DE REFORMA ECONÔMICA E ABERTURA COMERCIAL DA CHINA</b> .....             | 15 |
| <b>3</b> | <b>ANÁLISE DOS FATORES QUE DETERMINARAM A CHINA COMO MAIOR PRODUTOR INDUSTRIAL DO MUNDO</b> ..... | 23 |
| 3.1      | Política Industrial.....                                                                          | 23 |
| 3.2      | Transferência Tecnológica de investimentos estrangeiros e IED.....                                | 29 |
| 3.3      | Baixos custos de produção .....                                                                   | 32 |
| <b>4</b> | <b>ANÁLISE DOS FATORES QUE DETERMINARAM A CHINA COMO MAIOR EXPORTADORA DO MUNDO</b> .....         | 35 |
| 4.1      | Câmbio desvalorizado.....                                                                         | 35 |
| 4.2      | Criação das ZEEs.....                                                                             | 49 |
| 4.3      | Abertura Comercial.....                                                                           | 51 |
| 4.4      | Altos investimentos em inovação, pesquisa, tecnologia etc.....                                    | 46 |
| <b>5</b> | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....                                                                 | 51 |
| <b>6</b> | <b>REFERÊNCIAS</b> .....                                                                          | 53 |

## 1 INTRODUÇÃO

O crescimento econômico da China nas últimas três décadas é, sem dúvida, um dos fenômenos mais marcantes do cenário econômico mundial. Ela vem mantendo um elevado crescimento desde o final da década de 1970, que teve como ponto inicial a política econômica de reestruturação e abertura do investimento e do comércio externo impulsionado por Deng Xiaoping, que proporcionou uma maior produtividade e modernização no setor industrial do país.

A China ultrapassou a Alemanha em volume de exportações no ano de 2009. A China alcançou a marca de US\$ 1,2 trilhão enquanto a Alemanha ficou com US\$ 1,17 trilhão. Enquanto a Alemanha amargava a queda na demanda mundial, pesou sobre a China o pacote de 4 trilhões de *yuan* (US\$ 585 bilhões), consagrando o país que já é o maior mercado mundial de automóveis e o maior fabricante de aço do mundo.

De 1998 a 2005, a Alemanha é caracterizada com um baixo crescimento do PIB, gerando déficits orçamentários em torno de 3% e desemprego em torno de 10%. Devido ao baixo crescimento, a inflação também era muito baixa. O grande saldo comercial fazia com que grande parte desse dinheiro fosse para o exterior. Mas com a crise de 2008 os bancos alemães entram colapso. Embora tenha uma indústria muito forte, a Alemanha se mostrou muito vulnerável a choques externos devido à sua dependência com as exportações.

O desempenho comercial da Alemanha é invejado por muitos países que sofrem de déficits crônicos em conta corrente e dos resultantes problemas de endividamento, normalmente atribuídos ao declínio da indústria (desindustrialização). Com efeito, o superávit comercial da Alemanha é decorrente da competitividade de sua indústria. Mas como dependente de exportações que é, essa indústria tem sido muito vulnerável a choques externos. As exportações caíram 16% em 2009 (DAUDERSTÄDT, 2013, p. 13).

A dependência alemã da demanda da Europeia, que se demonstrou muito baixa após a crise, teve grande contribuição para que a China tomasse o posto de maior exportador do mundo.

A produção industrial não foi diferente das exportações. A China ultrapassou os Estados Unidos como maior produtor industrial do mundo. As fábricas americanas produziram US\$ 1,95 trilhão, enquanto as fábricas chinesas produziram US\$ 1,99 trilhões de dólares, devido, principalmente, ao crescimento econômico chinês e a valorização do *yuan*, que elevou o valor nominal da produção chinesa.

A política americana de combate à crise de 2008 seguiu a mesma linha de outros países como foi relatado pelo Ipea.

Como resposta à crise econômica internacional, os governos, de maneira geral, tendo em vista sua origem financeira, optaram por adotar, inicialmente, esforços mais vigorosos no âmbito fiscal e creditício. Assim, os bancos centrais (BCs) têm atuado de forma intensa. Num primeiro momento, em função das perdas envolvendo operações subprime e, posteriormente, para restabelecer a confiança no sistema financeiro. Em linhas gerais, os BCs adotaram medidas de injeção direta de liquidez no sistema e de flexibilização das regras de empréstimos em última instância. Entre as medidas principais, cabe ressaltar as alterações nas alíquotas e regras de recolhimento compulsório, bem como a redução da taxa básica de juros (IPEA, 2009, p. 9).

A baixa na produção industrial, retração da economia e aumento do desemprego nos Estados Unidos, foram fatores que contribuíram para que a China se tornasse o maior produtor industrial do mundo.

Por estes e outros fatores, a economia chinesa tem sido objeto de estudos de vários cientistas econômicos, como Medeiros (2010), Vieira (2006) e Mendonça (2009). Principalmente pelo seu bom desempenho no comércio exterior mesmo em meio a grave crise global, visto que sua produção industrial continua crescendo e seus produtos continuam conquistando os mais diversos mercados no mundo.

Existem muitos impasses sobre a política industrial chinesa. Os Estados Unidos reclamam dizendo que o sucesso das exportações chinesas se deve ao seu câmbio desvalorizado (congelado desde 2008) e das políticas de subsídios governamentais aos exportadores. Em resposta, os Estados Unidos criaram tarifas *antidumping* para os produtos siderúrgicos chineses e de outros setores.

Mesmo em meio a críticas internacionais, a China tem sido um grande aliado e, ao mesmo tempo, uma ameaça no comércio mundial como “fábrica do mundo”, segundo relatado por Fishman (2005):

Ora a China é nossa maior ameaça, ora é nossa amiga; ora absorve os empregos dos norte-americanos, ora é essencial para que mantenhamos nossa vantagem competitiva. A China é a grande fábrica e ao mesmo tempo a maior oportunidade de mercado. O poderio industrial chinês solapa as oportunidades do resto do mundo, mas sua economia faminta ajuda a melhorar as economias dos países mais pobres. A China exporta deflação e atíça os aumentos de preços. Ou prosperará ou explodirá (FISHMAN, 2005, p. 17).

Mas não é apenas o câmbio desvalorizado e a política industrial que determina o sucesso da China no comércio exterior. Existem outros fatores envolvidos nesses fatos que deram suas contribuições para o crescimento econômico chinês.

Uma análise um pouco mais detalhada nos remete a uma série de fatores bem mais complexos que vem sendo desenvolvidos desde a abertura econômica da China iniciada por Deng Xiaoping em 1978, como podemos ver abaixo.

Menos conhecidas e compreendidas, no entanto, são as causas desse processo, ou, pelo menos, suas características e elementos definidores mais importantes. Dentre as causas apontadas, destacam-se os investimentos diretos externos (IDEs), em sua maioria voltados para exportação, que transferem tecnologia e fornecem capital para o país, atraídos principalmente pelo baixo custo de uma mão-de-obra disciplinada e com nível relativamente alto de qualificação. Enfatizam-se também as medidas de política industrial, como os incentivos fiscais concedidos a setores determinados localizados em zonas econômicas especiais, a obrigação de as empresas multinacionais (EMNs) se associarem a um parceiro doméstico e a proibição de investir em certos setores, bem como a manutenção de uma taxa de câmbio fixa e desvalorizada, estimulando as exportações. Todos esses fatores, certamente, contribuíram para o espetacular crescimento econômico chinês, mas estão longe de explicar adequadamente esse processo (IPEA, 2008).

O IPEA (2008) destaca a transferência tecnológica vinda dos investimentos estrangeiros, assim como o baixo custo da mão de obra que funcionam como vantagens competitivas.

O objetivo deste trabalho é explicar, considerando fatos históricos, através da literatura econômica, como a China alcançou a grande escala da produção industrial norte-americana e as exportações alemãs.

Além desta introdução, o presente trabalho está organizado em mais quatro seções. Na segunda parte, faz-se uma breve apresentação do processo de reforma e abertura comercial da China, evidenciando o contexto histórico e as mudanças ocorridas nos últimos séculos na formação da sociedade chinesa. Na terceira seção, são explicados os fatores que determinaram a grande evolução da produção industrial chinesa, com destaque para os investimentos e o planejamento estatal. Na quarta seção, são explicados os fatores de expansão das exportações, como o câmbio desvalorizado, a abertura comercial e o desenvolvimento tecnológico de seus produtos de exportação. Por fim, serão feitas as considerações finais sobre as principais conclusões sobre o presente estudo.

## 2 HISTÓRICO DO PROCESSO DE REFORMA ECONÔMICA E ABERTURA COMERCIAL DA CHINA

A China é caracterizada por seu vasto território e sua imensa população, e também é responsável por extraordinários inventos, como a pólvora, o ímã, a criação do primeiro jornal impresso e da bússola, um dos instrumentos mais importantes para o início das Grandes Navegações e expansão do comércio no mundo. É vista como um enigma, isso porque desde os primórdios da civilização, os chineses já se colocavam à frente de muitos povos, seja por suas invenções tecnológicas, pela produção de produtos medicinais, pela filosofia política ou por seus governos e sua cultura.

Para Lyrio (2010), se compararmos a civilização chinesa a outras civilizações antigas e modernas, ela surpreende não apenas por sua longevidade, mas também por sua extraordinária economia e sua política que se manteve durante boa parte da história. Como destacou Fairbank “tinha sido contemporâneo e maior do que a Roma. De fato, a China já foi a maior civilização do mundo, não só igual a Roma, mas muito à frente da Europa medieval”<sup>1</sup> (FAIRBANK, 1991 apud LYRIO, 2010, p. 16).

Até o século XV, a China detinha a maior renda per capita do mundo, era líder em termos de inovação tecnológica e mesmo sendo superada pelo continente europeu em 1500, ela ainda continuou a deter, até 1820, 30% do produto mundial, mas já dava os primeiros indícios de que seria superada pela crescente economia de produção em massa europeia e norte-americana (MENDONÇA, 2009).

Com seu declínio social e econômico, quatro séculos depois, a China não passava de uma nação pobre economicamente, atrasada socialmente e instável do ponto de vista político. Ou seja, mostrava atraso não apenas em relação às civilizações europeias e o Japão, historicamente mais antigas, mas também em relação a algumas nações mais jovens, como os Estados Unidos (LYRIO, 2010).

Para Fairbank e Goldman (2006) o declínio da China se deve a três razões principais: a rebelião doméstica, as invasões estrangeiras, e os esforços da elite dominante tanto em controlar como preservar seu domínio sobre a sociedade chinesa.

---

<sup>1</sup>Had been contemporary with and bigger than the Roman. Indeed, China was once the superior civilization of the world, not only the equal of Rome but far ahead of medieval Europe’.

Lyrio (2010) lembra:

[...] Inexistia, ademais, uma classe comercial, burguesa, fora do controle da nobreza fundiária e do mandarinato estatal, mesmo porque a elite encontrava refúgio e recompensa na terra e no Estado, não no comércio e na indústria, em boa medida pelo desprezo confuciano pela ideia do lucro e do empreendimento privado, individualista. O Neoconfucionismo, que ganhou força na China a partir dos séculos X e XI, parece ter retardado a modernização do país pela desvalorização do comércio; para os neoconfucianos, era moralmente aviltante que os comerciantes apenas fizessem circular os bens em busca do objetivo ignóbil do lucro, não produzindo o que faziam circular (LYRIO, 2010, p. 20).

Com a transformação ocorrida no século XIX, principalmente a partir da Revolução Industrial, a tradicional economia chinesa foi “engolida” pela crescente indústria de produção em massa europeia. A decadência que teve início na dinastia de Ming (1368-1644) e aprofundou-se na de Qing (1644-1912) levou os chineses a caminhar na contra mão do processo inovador que ocorria no período (MENDONÇA, 2009).

Nas palavras de Cunha (2011), apesar de apresentar grande potencial econômico, a China entrou em decadência no século XIX pelos seguintes fatores:

[...] havia a percepção, expressa por inúmeros contemporâneos, de Adam Smith a Napoleão Bonaparte, de que o grau de desenvolvimento tecnológico e econômico chinês rivalizava, senão superava, ao experimentado no Ocidente. Todavia, com a consolidação da industrialização e suas implicações positivas sobre acumulação de poder econômico e militar, o confronto entre as potências europeias emergentes, particularmente a Inglaterra, e o Império do Meio passou a revelar uma nova realidade: a incapacidade da China em acompanhar o ritmo de transformações em curso no mundo ocidental. Não foi sem surpresa, para europeus e chineses que, de derrota militar em derrota militar, o Império desfez-se. E, mais importante, inverteu-se a percepção ocidental sobre a China. De civilização misteriosa, avançada e próspera, para um país cronicamente inviável, cuja população seria material e culturalmente inferior (CUNHA, 2010, p. 11).

No entanto, embora a industrialização tenha chegado tardiamente, a China ainda continuou a impressionar. Segundo Fairbank, o comércio interno chinês impressionava por sua dimensão e maturidade. Para ele, o mercado doméstico da China era tão grande quanto o de todos os diferentes países da Europa juntos. A comercialização interprovincial mostrava que os chineses, em grande parte, eram autossuficientes. Especiarias vindas de outras nações não encontraram mercado na China, a exemplo dos tecidos ingleses, que embora tenham encontrado ótimos compradores na Índia, não foram capazes de varrer dos mercados chineses os tecidos produzidos em seu próprio território. Essa mercadoria foi ameaçada somente no final do século XIX pelas importações de produtos de algodão americano (GERNET, 1996).

A partir da Revolução Comunista de 1949, a China inicia um processo de industrialização mais forte, com a chegada de Mao Tsé-Tung ao poder. Houve mudanças nos campos e nas indústrias. Assim como destaca Ouriques e Andrade (2010, p. 19), “o novo governo passou a tomar medidas para mudar radicalmente, tanto o modo de organização da China, como a maneira de pensar da população”.

Ainda segundo os autores:

A agricultura passou por uma reforma agrária radical, eliminando os grandes proprietários e a agricultura familiar, e organizando os camponeses em comunas agrícolas. O controle da economia foi centralizado, seguindo o modelo soviético, com empresas estatizadas e planos quinquenais. Nas duas décadas que se seguiram à revolução, o governo buscou a descentralização industrial e a convergência da renda entre as regiões (OURIQUES; ANDRADE, 2010, p. 20).

Sob o comando de Mao Tsé-Tung (1949-1976), a China passou a se recuperar economicamente, deixando para trás mais de 100 anos de atraso. Para isso, foi necessário fazer importantes reformas. Entre elas, podemos destacar a alocação do excedente agrícola para o fortalecimento da indústria, sobretudo, a indústria siderúrgica.

Para chegar a esta finalidade, uma das primeiras iniciativas do governo Mao foi criar, em 1953, o primeiro plano quinquenal (1953-57), chamado de *hukou*, que nada mais era que o controle de mobilidade geográfica dos chineses. O *hukou* tratava-se de um sistema de registro do cidadão que o vinculava à determinada vila, cidade ou comuna agrícola. Juntamente com este controle geográfico, o governo chinês também tinha registros da vida criminal do cidadão e até a designação de emprego no Ministério do Trabalho. Assim, se um indivíduo estivesse fora do local de residência registrado no *hukou* não tinha direito a ter acesso ao sistema hospitalar, à educação, ao trabalho etc. A partir disso, o governo decidia desde a alocação de empregos até a produção de alimentos nas regiões (OURIQUES; ANDRADE, 2009). Este controle se fazia necessário tanto para o manejo do excedente agrícola e os salários, quanto para alocar recursos humanos nas obras de industrialização e de ocupação no território (OURIQUES; ANDRADE, 2010).

O “ciclo maoísta”, que se estende de 1949 a 1976, representa talvez “o fechamento mais radical que um país já tenha passado na história mundial”. (MENDONÇA, 2009). O isolamento chinês se deve em parte pelo rompimento das relações entre a China e a União Soviética no ano de 1960. A causa do rompimento se deu pelas disputas territoriais ao longo da fronteira e pela busca da hegemonia do movimento comunista internacional (SULEIMAN, 2008).

A China permaneceu em uma situação de grande isolamento na década de 60, devida à redução de importação de máquinas e equipamentos e o caminho à substituição de importações. Posterior a esse período e devido às diversas consequências causadas pela política do Grande Salto, o Partido Comunista Chinês (PCC) deu início à sexta etapa (1960-1963), proclamando abertamente a subordinação da indústria pesada à agricultura e indústria leve e fazendo importantes concessões aos camponeses. Essa etapa auxiliou na recuperação do país, fazendo com que o PCC lançasse sua sétima e última etapa, a de militarização em 1964. (SULEIMAN, 2008, p. 8)

Nesse período, o governo não apenas coordenava/controlava o processo de industrialização chinês, mas investia pesado na indústria. Com o bem sucedido primeiro plano quinquenal, em 1958 foi criado o segundo plano, chamando de “o Grande Salto Adiante” (1958-1960). Neste novo plano, como analisa Spence (1990):

Mao propôs elevar a produção agrícola por meio de incentivos morais e mobilização das massas para sanar as carências internas do país. A política do Grande Salto Adiante apresentava metas estratégicas centrais de aumento da produção agrícola como forma de impulsionar o crescimento industrial. Para alcançar tal objetivo, seria necessário promover uma nova escala de organização social, com a mobilização dos camponeses e suas famílias para novas tarefas que expandissem a produção agrícola. Foram criadas as “comunas populares” na China rural, pondo fim aos lotes privados que existiam até então. No total, criaram-se 26 mil comunas, que compreendiam 99% da população rural chinesa (SPENCE, 1990 apud CARVALHO; CATERMOL, 2009, p. 221).

Embora Mao tenha incentivado a indústria pesada chinesa e a substituição de importações, em seu governo existia um grande repúdio aos intelectuais. Isso ficou comprovado na campanha das Cem Flores, onde os intelectuais criticaram o governo após serem supostamente convidados e foram expulsos de seus cargos e colocados em trabalhos humilhantes. A frase “É melhor ser vermelho do que ser perito” era um dos principais *slogans* do PCC, preterindo os intelectuais em favor dos fundamentalistas do Partido Comunista (MENDONÇA, 2009).

Como consequência, houve políticas de caráter altamente ineficientes. Em alguns casos, podendo se caracterizar como absurdo, como a campanha para “Erradicar as Quatro Pragas”.

Uma campanha no final da década de 1950 e início da de 1960, chamada “Erradicar as Quatro Pragas”, ordenava aos chineses eliminar todos os ratos, moscas, mosquitos e pardais. Mao mobilizou todo o país para a campanha, inclusive um exército nacional de alunos de escolas primárias. Em ataques coordenados e em massa contra os pássaros, cidades inteiras levaram a cabo missões para encontrar e destruir ninhos e ovos. Patrulhas marchavam pelos campos batendo panelas para espantar os passarinhos. Quando estes se refugiavam em santuários mais distantes, havia exércitos hostis a espera, com panelas e tambores para espantá-los novamente, não lhes permitindo pousar em lugar algum. A população de pardais da China

praticamente desapareceu. O mesmo aconteceu com outros pássaros, assim como a primeira linha natural de defesa contra gafanhotos e outras pragas da agricultura. (FISHMAN, 2005, p. 139).

A citação acima é um exemplo de como a falta de técnicos dificultou o desenvolvimento da China na época de Mao. Assim também como o fracasso de sua política do Grande Salto Adiante, que pretendia desenvolver a China em tempo recorde, coletivizando o campo, mas a falta de técnicos fez com que os resultados fossem abaixo do esperado. A estratégia de tornar o país em um grande produtor de aço com fornos caseiros é outro exemplo relatado pelo autor.

Durante o Grande Salto Adiante, no final da década de 1950, os camponeses da China tiveram de adaptar-se as metas de Mao para transformar o país em grande produtor de aço, outro projeto nacional que contribuiu para grande fome. Os camponeses foram estimulados a passar dos campos para a produção de aço. Construíram “fornos de quintal” por toda a parte e recolheram os incrementos agrícolas e os utensílios de cozinha para derrete-los em suas fábricas caseiras. O aço assim produzido deveria ser entregue ao Estado para realizar o objetivo de Mao de superar a produção de aço da Grã-Bretanha, que era ainda um poderoso símbolo de domínio colonial e de indústria capitalista. O resultado foi que as poucas posses das famílias rurais se transformaram em fumaça. O aço obtido nos fornos de quintal não passava de inúteis massas de metal, inadequado até mesmo para ferramentas simples. Após anos de insucessos industriais e rurais, as multidões chinesas haviam regredido. Em 1959, o povo estava mais pobre que fora em 1950, e os camponeses estavam desesperados (FISHMAN, 2005, p. 140-141).

Embora os *slogans* fossem "Superar a Inglaterra em 15 anos, mobilizar todas as energias e mirar ao alto" para o desenvolvimento da indústria, as políticas desastrosas de Mao tiveram como consequência fome e morte de 20 a 30 milhões de pessoas em toda a China. A queda na produção agrícola e a retirada da ajuda técnica e financeira da União Soviética foram vistas como pontos críticos para os tais acontecimentos (MENDONÇA, 2009).

Sendo assim, por mais turbulenta que tenha sido a Era Mao Tsé-Tung, ele foi de fundamental importância para o sucesso das políticas de reforma adotadas na Era Deng Xiaoping. Como conclui Milaré e Diegues (2012):

[...] podemos concluir que os primeiros passos rumo à industrialização chinesa já haviam sido dados na era Mao Tsé-Tung. Em 1978, a participação da indústria já era bastante significativa (36%), mostrando que o esforço industrializante empreendido por Mao possibilitou a criação de um parque industrial robusto, ainda que atrasado. Esse parque foi fundamental para que Deng Xiaoping pudesse empreender seu plano bem sucedido de modernização (MILARÉ; DIEGUES, 2012, pag. 373).

Nas palavras de Lyrio (2012):

Por mais turbulentos que tenham sido os primeiros trinta anos da Revolução Comunista na China, os reformistas do começo dos anos 1980 herdaram do período sob Mao Tsé-tung um país com uma oferta abundante de mão-de-obra de qualidade do ponto de vista educacional e de saúde pública, ao menos na comparação com outros países em desenvolvimento, o que serviu de base para a rápida decolagem da economia chinesa (LYRIO, 2010, p. 38).

Segundo Nonnenberg (2010), no final dos anos 70 ocorreu na China uma sequência de coincidências geográficas, históricas, políticas e econômicas que foram imprescindíveis para o desenvolvimento econômico do país. Embora a experiência vivida pelos chineses ofereça lições importantes, elas não podem ser replicadas em outros países. Para Lyrio (2010):

É difícil avaliar em que medida o rápido crescimento econômico na China das últimas décadas decorreu do advento de um quadro de estabilidade política proporcionado pela ascensão de Deng Xiaoping ou pelo acerto das reformas econômicas por ele empreendidas. Muito provavelmente, da mesma maneira que a estabilização política pós-Mao criou as condições para a implementação das reformas e para a maior velocidade do crescimento econômico, o crescimento em si terá favorecido a manutenção de um quadro político de relativa estabilidade. Em contraste com os solavancos e rupturas políticas e econômicas que marcaram até então a história da China ao longo do século XX, as reformas empreendidas a partir de 1978 basearam-se num modelo de gradualismo, pragmatismo, de ênfase em experiências locais de escopo limitado, de que são exemplos o uso de Guangdong como laboratório para a abertura comercial, do setor rural como locus inicial para a reintrodução de medidas e práticas associadas ao livre mercado, ou os começos de descentralização das decisões econômicas no sentido de conferir maior autonomia a províncias e municípios (LYRIO, 2010, p. 39).

Embora o período governado por Mao já tenha contribuído significativamente para o crescimento da China, para alguns historiadores e analistas econômicos, o auge da economia chinesa para deixar de vez o atraso e iniciar uma nova era de crescimento econômico aconteceu mesmo no governo de Deng Xiaoping (1978-1992).

O fato é que as duas fases, que vão de 1950 a 1978 e de 1979 em diante, foram as mais importantes para desenhar a China de hoje. A primeira, embora ainda estivesse devastada por anos de atraso e necessitasse passar por grandes transformações, ela foi fundamental para o sucesso das reformas posteriores adotada por Deng Xiaoping. A diferença crucial dos dois períodos aqui citados está na relação com o comércio externo. No primeiro período, a China estava praticamente isolada do resto do mundo, sobretudo dos países ocidentais. Porém, tinham uma boa relação com os soviéticos, recebendo, portanto, importante apoio financeiro e tecnológico para seu desenvolvimento. Sob a liderança de Mao, a produção industrial era controlada pelo Estado, assim como os preços e a alocação dos

recursos. As empresas privadas e o capital estrangeiro, em geral, foram barrados. O objetivo do governo chinês era fazer da China uma economia relativamente autossuficiente.

Segundo Morrison (2014), no período Mao, as políticas do governo mantiveram a economia chinesa relativamente estagnada e com grande capacidade ociosa, isso porque a maioria dos aspectos da economia eram controlados e administrados pelo governo central (e, portanto, havia pouco incentivo para investimento decorrente, principalmente, dos baixos lucros das empresas, trabalhadores e agricultores). A concorrência praticamente inexistia e os fluxos de investimentos foram limitados a países dos blocos soviéticos e, o controle dos preços e de produção causava distorção generalizada na economia.

Já no segundo momento, as reformas foram voltadas para a abertura do comércio externo, o que atraiu grandes investimentos para o país. Para Morrison (2014), a liberalização do comércio foi a chave principal para o sucesso econômico da China. Sem barreiras comerciais, ocorreu um incentivo maior à concorrência e atraiu investimento direto do exterior.

Do ponto de vista de Lyrio (2010), as reformas econômicas e políticas adotadas a partir de 1978, em que houve a inserção da China na economia mundial e a abertura para o capital estrangeiro, tornaram-na uma nação politicamente instável e predominantemente rural, em um país relativamente aberto, estável, modernizável e urbanizável.

Para Nonnenberg (2010), a liberação do comércio exterior foi uma das principais medidas tomada após 1978. Como as exportações e as importações eram feitas por empresas públicas, o resultado era que elas cresciam lentamente. Como ele explica, a liberação do comércio exterior se deu de forma gradual:

Inicialmente, os controles sobre as importações foram substituídos por elevadas tarifas aduaneiras, reduzidas posteriormente. O sistema de planejamento de importações foi também substituído por barreiras não tarifárias tradicionais, a partir do início da década de 1980. Essas barreiras também foram paulatinamente desmontadas ao longo dos anos. A partir do final da década de 1990, as medidas de liberalização do comércio exterior chinês foram aceleradas com vistas ao seu ingresso na Organização Mundial do Comércio, efetivada em dezembro de 2001 (NONNENBERG, 2010, p. 30).

Outra importante medida tomada pelo governo de Deng foi o fortalecimento da agricultura familiar. Segundo Lyrio (2010, p. 21):

Houve um boom econômico agrícola no começo da era Deng possibilitado por um tipo de reforma agrária, representada pelo fim das comunas e retornando às lavouras familiares, além da elevação do preço dos grãos ordenado pelo Estado. Tais medidas

resultaram no aumento da produção das zonas rurais e enriquecimento dessa população na década de 1980.

Outra reforma introduzida nesse período, foram as Zonas Econômicas Especiais (ZEEs) e o estabelecimento de *joint ventures*, que tinham como objetivo atrair empresas e investimentos estrangeiros. O governo oferecia benefícios fiscais especiais e menos regulamentações e burocratização; em contrapartida, as zonas e as empresas deveriam trazer novas tecnologias e prover maiores exportações para o país (FAIRBANK; GOLDMAN, 2006).

Com Deng no poder, o culto à personalidade foi aos poucos sendo destruído, renovando os quadros e convocando novamente os técnicos e intelectuais preteridos no período de Mao. Esse foi o fator essencial para a realização das quatro modernizações de Deng: agricultura, indústria, defesa e ciência (MENDONÇA, 2009).

Deng recuperou o apoio dos intelectuais chineses, que haviam sido ridicularizados e arruinados durante a revolução cultural que terminara naquele momento, com o objetivo de que o ajudassem a salvar o país do ponto de vista social e econômico. Sob a liderança de Deng, a China reduziu também a ênfase na luta de classes e deixou de estigmatizar as classes superiores, que em breve seriam reformadas. As audaciosas guinadas e reformas de Deng foram também executadas com boa dose de conservadorismo. Sob sua vigilância, o partido seguiu de perto as mudanças na economia e os intelectuais foram convocados para apoiar as reformas (FISHMAN, 2005, p. 77).

Essas quatro modernizações foram fundamentais para o desenvolvimento da economia chinesa. Suleiman (2008) argumenta que este programa possibilitou a acumulação de excedente nas zonas rurais. Houve também abolição das comunas, restituição das terras aos camponeses e permissão da diversificação de produtos. Ou seja, a produção deixou de ser apenas de cereais, como na época de Mao, voltando-se para produtos que o mercado demandava mais (produtos mais lucrativos).

Podemos concluir os avanços da China a partir de 1978, através de Deng Xiaoping, conforme nos acrescenta Suleiman:

Em síntese, a estratégia de desenvolvimento da China a partir de 1978 se baseou na reforma do modo de utilização da terra, na promoção e expansão das exportações, proteção do mercado interno, estímulo ao investimento estrangeiro, formação de *joint ventures* (grandes empresas estatais), e na indústria pesada sob o controle do planejamento central, na transição de um planejamento misto de preços, controlados pelo mercado (SULEIMAN, 2008, p. 14).

Essas reformas e outras implementadas nas décadas posteriores, fizeram da China uma gigantesca economia. E mesmo em anos de crise, como a que ocorreu no ano de 2008 (tendo como protagonista principal um dos seus maiores parceiros, os Estados Unidos), ela ainda manteve uma taxa de crescimento estável.

### **3 ANÁLISE DOS FATORES QUE DETERMINARAM A CHINA COMO MAIOR PRODUTOR INDUSTRIAL DO MUNDO**

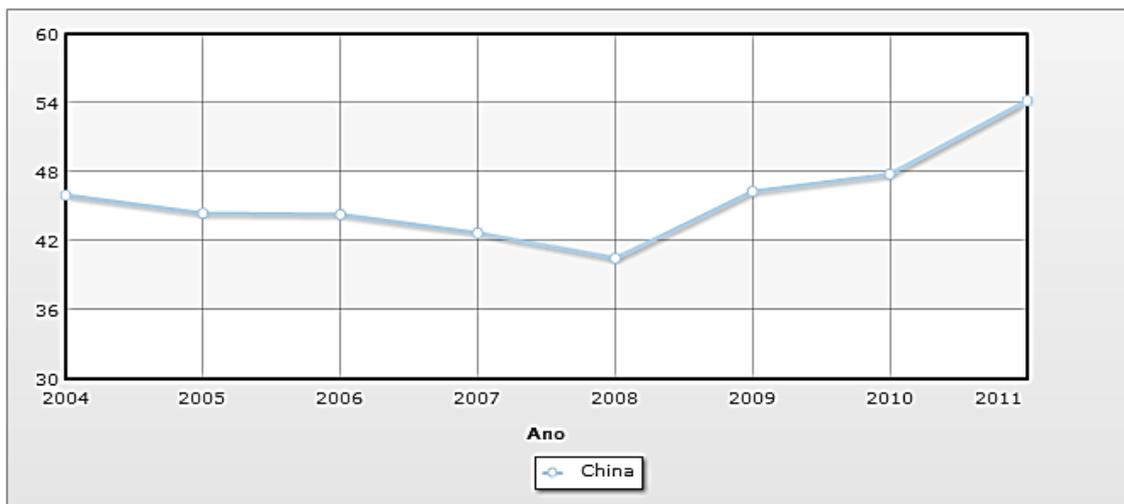
Este capítulo tem por objetivo descrever os principais fatores que cooperaram para grande desenvolvimento industrial da China, focando principalmente em sua política industrial de atração de investimentos, modernização da infraestrutura e manutenção de baixos custos de produção como os principais fatores de desenvolvimento industrial.

#### **3.1 Política Industrial**

O crescimento econômico da China possui vários determinantes, embora dois sejam debatidos mais fortemente. A princípio, muitos autores apontam que o crescimento veio por meio do aumento das exportações, resultado da abertura comercial chinesa. Embora haja vários indícios, para outros autores, as exportações não são uma causa, mas sim uma consequência de uma política industrial, voltada para as exportações (MEDEIROS, 2010).

A China era considerada uma economia pouco expressiva no início dos anos de 1990. Mas no fim do ano 2000 já se consolidava entre as maiores economias do mundo. Esse resultado seria fruto de uma estratégia de crescimento *going global*, que se caracteriza por uma forte e agressiva inserção de suas empresas e negócios em terceiros mercados. Essa inserção se daria via exportações e/ou investimentos direto do exterior (MASIERO; COELHO, 2014).

Gráfico 1: Investimento Fixo Bruto em relação ao PIB (%) – 2004-2011



Fonte: IndexMundi. Disponível em: <<http://www.indexmundi.com/g/g.aspx?v=142&c=ch&l=en>>

O gráfico acima nos permite visualizar uma participação de 54% dos investimentos na composição do PIB no ano de 2011. Essa taxa foi crescendo principalmente após a crise de 2008, resultado da política macroeconômica chinesa para recuperar e preparar o país para enfrentar os entraves econômicos.

Para Medeiros (2010 apud CHANDRASKHAR; GHOSHI, 2007), o modelo de crescimento econômico chinês foi estabelecido por uma dinâmica de aceleração dos investimentos, com resultados muitos positivos na balança de pagamentos em paralelo. Esses investimentos teriam sido financiados internamente pelas altas taxas de lucro em detrimento da participação do consumo total e das famílias. A acomodação pessoal, regional e funcional de renda possibilitou o padrão de crescimento.

Tal “crescimento liderado pelos investimentos” teria sido iniciado nos anos 90 e seria em parte uma consequência das prioridades estabelecidas pelo governo com a concentração espacial dos investimentos nas áreas urbanas e zonas especiais e pela marginalização da agricultura e do interior. Tal estratégia teria gerado grande concentração de renda e desaceleração no crescimento do consumo das famílias, induzindo um crescimento desproporcional da indústria pesada com grande impacto na relação capital-produto. Esta expansão, por sua vez, teria agravado a concentração da renda em função do baixo crescimento do emprego industrial. Embora esta estratégia fosse complementar e relacionada com as exportações ter-se-ia afirmado autonomamente levando a uma extraordinária taxa da formação bruta de capital fixo de cerca de 43% do PIB, um fato inédito até para as historicamente altas taxas de investimento chinesas. (MEDEIROS, 2010, p. 5).

Essa formação bruta de capital citada acima foi quem deu estrutura para a China mudar grande parte de sua pauta de exportação. O planejamento estatal foi responsável pela

política de substituição de importações, possibilitando a entrada de empresas chinesas em setores até então dominados por empresas de países desenvolvidos.

A extraordinária demanda por investimentos urbanos resultou num grande acelerador dos investimentos da indústria pesada da cadeia produtiva da construção civil. Devido a características do sistema de planejamento e de mudanças institucionais no regime de propriedade de terras urbanas, gerou-se em muitas indústrias um excesso de capacidade produtiva responsável pela simultânea substituição de importações e expansão de exportações. Desde o aprofundamento do processo de transição ao capitalismo do início dos anos 90, a China possui um sistema de planejamento próximo ao planejamento indicativo presente em diversas economias capitalistas, mas com duas particularidades: de um lado, é maior o peso das empresas e bancos estatais como operadores diretos do planejamento do Governo sobre atividades estratégicas; de outro, há uma autonomia muito grande dos governos sub-nacionais (que também possuem empresas públicas) sobre as decisões de investimentos (MEDEIROS, 2010, p. 11).

Através dessa citação podemos entender a importância do Estado tanto na esfera nacional como na esfera distrital no direcionamento e no planejamento dos investimentos, elevando a China a um país competitivo nos setores mais dinâmicos da economia. Como já citado, a estratégia de *going global* teve papel fundamental nesse processo, dando apoio às empresas locais como subsídios e atração de investimentos do exterior.

Segundo Medeiros (2010), esses investimentos em infraestrutura, em particular as estradas, associados ao processo de urbanização que possibilitaram o desenvolvimento da indústria pesada chinesa de ferro, aço, cimento, alumínio, vidro e química, acelerando o processo de substituição das importações e diversificação das exportações.

Não podemos, então, focar apenas em fatores como a política cambial, financiamentos e incentivos às exportações, ainda que sejam fundamentais ou tampouco excludentes. Masiero e Coelho (2014) destacam a política e o papel do Estado com sua intervenção e diretrizes, principalmente nos setores de metal-mecânico, químico e eletroeletrônico, possibilitando o país ser inserido de forma competitiva no mercado internacional, registrando vigoroso crescimento econômico.

Entre os anos de 1990 a 2009, enquanto a média de crescimento mundial ficou em 2% anuais, a China apresentou um crescimento de 12% ao ano. Nas duas últimas décadas do século XX, o crescimento da indústria manufatureira chinesa apresentou um crescimento de 9,5% ao ano em relação à sua composição no PIB. Somente entre 1991 e 2000, essa média foi de 13%, mantendo quase a mesma média (12% ao ano) do período posterior, de 2001 a 2007 (MASIERO; COELHO, 2014).

Ao que tudo indica, esses resultados não foram atingidos aleatoriamente, mas pela existência de um planejamento industrial específico, formulado, orientado e liderado pelo Estado no âmbito de uma estratégia nacional de desenvolvimento do país. Esta afirmação encontra seu respaldo histórico-institucional a partir das reformas de 1978 – momento em que a indústria chinesa iniciou sua reorganização e estratégia de desenvolvimento, tendo seu momento mais evidente e contundente em 1989, quando o Estado chinês assumiu institucionalmente a importância da indústria no crescimento do país e deliberadamente optou pela realização de políticas específicas, com seu Conselho de Estado emitindo as diretrizes para uma política industrial em seus Oitavo e Nono Planos Quinquenais (MASIERO; COELHO, 2014, p. 6).

Para entender como os Planos Quinquenais já citados foram fundamentais para o desenvolvimento industrial, temos que entender os problemas os quais a China passava. Para Masiero e Coelho (2014), havia excesso de capacidade produção, quando comparados ao baixo desenvolvimento do setor agrícola, energético, de transporte e de extrativo mineral; distribuição regional irracional das indústrias; desproporção entre o elevado desenvolvimento da indústria de nível médio em relação ao baixo nível da indústria avançada.

O oitavo (1991-2005) e o nono (1996-2000) Planos Quinquenais foram pensados e orientados visando a vencer as barreiras identificadas para desenvolver a indústria chinesa. Para vencer o obstáculo da infraestrutura foram construídos aeroportos, com modernização de portos, construção de estradas que facilitaram ou possibilitaram maior eficiência dos projetos de expansão das exportações chinesas, como podemos ler através do trabalho do trabalho de David Harvey (2005):

‘A China também está tentando construir um sistema de rodovias interestaduais mais extensa do que a América em apenas 15 anos, enquanto praticamente todas as grandes cidades estão construindo ou acabando de concluir um novo grande aeroporto.’ Na última contagem, a China tinha "mais de 15.000 projetos rodoviários em as obras, que adicionarão 162 mil km de estrada para o país, o suficiente para circular planeta no equador quatro vezes'. Este feito é muito maior do que aquele que os Estados Unidos empreenderam durante os anos 1950 e 1960 na construção sistema de rodovia interestadual, e possui potencial para absorver os excedentes de capital e trabalho por vários anos. <sup>2</sup> (HARVEY, 2005, p. 141, tradução nossa).

A intenção do governo era, além de dar estrutura de crescimento para as indústrias já existentes, estabelecer novas possibilidades para o desenvolvimento de setores até então não explorados ou com pouca competitividade, como o setor de metal-mecânica.

---

<sup>2</sup> ‘China is also trying to build an interstate highway system more extensive than America’s in just fifteen years, while practically every large city is building or has just completed a big new airport.’ At last count, China had ‘more than 15,000 highway projects in the works’, which will add 162,000 kilometers of road to the country, enough to circle the planet at the equator four times’.<sup>17</sup> This effort is far larger in toto than that which the United States undertook during the 1950s and 1960s in constructing the interstate highway system, and has the potential to absorb surpluses of capital and labour for several years to come.

A análise das prioridades dos dois primeiros ciclos revela a escolha estratégica do Estado por primeiramente consolidar as bases da industrialização do país, direcionadas para estimular setores dinamizadores e criar condições estruturais e microeconômicas para o desenvolvimento competitivo dessas indústrias. No primeiro ciclo, as ações possuíam sua consecução dada com forte participação do Estado, que passa a ser decisivo na alocação dos recursos, sendo responsável pelo provimento de infraestrutura, fornecimento de energia e matérias-primas, além de subsidiar sua base tecnológica via importação de bens de produção de alta tecnologia, principalmente no setor metal-mecânico, com vistas a incrementar a manufatura para bens exportáveis com maior valor agregado. Já o segundo ciclo foi marcado pela determinação de metas de longo prazo, com fortes intervenções governamentais de curto prazo, no qual se buscou otimizar a estrutura industrial dos setores considerados prioritários no primeiro ciclo e em processo de consolidação no posterior por meio da promoção de economias de escala e da reorganização produtiva, que seriam dadas com a formação de grandes empresas e grupos empresariais. (MASIERO; COELHO, 2014, p. 8).

Concluímos que os primeiros ciclos foram para criar condições de base por meio de incentivos e subsídios, desenvolvendo os setores prioritários de duas formas. A primeira seria com o incremento tecnológico por meio da importação de bens de capital e atração de investimentos estrangeiros. A segunda forma seria a direção e inserção comercial internacional por meio da exportação (MASIERO; COELHO, 2014).

Posteriormente a esses dois ciclos, houve mais dois Planos Quinquenais, o décimo (2001-2005) e o décimo primeiro (2006-2010), que tinham como prioridade acelerar e desenvolver os setores tidos como prioritários.

Podemos listar cinco fatores que possibilitaram o desenvolvimento da indústria chinesa: I – estruturação da produção com uso de novas tecnologias, servindo de suporte a grandes corporações; II – reorganização interna dos setores para formação de grandes grupos empresariais para desenvolvimento da produção em escala; III – foi permitida a participação de empresas privadas nas grandes estatais, a fim de melhorar e modernizar o sistema de gestão; IV – incentivo à internacionalização de suas empresas através do ingresso na Organização Mundial de Comércio.

O setor de metal-mecânica, a indústria química e eletroeletrônica foram tidos como os setores estratégicos para o desenvolvimento industrial. A indústria química foi escolhida por ser importante fornecedora de matéria-prima para os diversos elos da cadeia industrial, principalmente para os agroquímicos, materiais químicos básicos (orgânicos e inorgânicos) e química fina (reagentes químicos e aditivos) (MASIERO; COELHO, 2014).

No setor de eletroeletrônicos, o principal objetivo era a redução da dependência de bens importados. Para isso o governo estimulou a formação da capacidade produtiva doméstica via investimentos externo e migração da produção estrangeira, que foram atraídos

pela abundância de mão de obra, assim como incentivos governamentais tanto na esfera fiscal como creditícia (MASIERO; COELHO, 2014).

Para equilibrar a oferta e a demanda doméstica, o governo estipulou metas de crescimento para o setor de metal-mecânica. O intuito era atender aos produtos considerados prioritários, como equipamentos técnicos para segurança nacional, produtos relacionados ao setor automobilístico e equipamentos para modernização do setor agrícola. A meta era atender a demanda da indústria chinesa prioritariamente pela indústria de metal-mecânica doméstica, estimulando a qualidade dos produtos e aplicação de metas tecnológicas (MASIERO; COELHO, 2014).

Desta forma, houve na China um grande movimento de formação de gigantescos grupos industriais, que facilitaram o desenvolvimento das economias de escalas, reduzindo custos e aumentando a produtividade da indústria chinesa.

Ainda com relação à promoção da competitividade, a política industrial atuou fortemente na articulação e cooperação entre as empresas consideradas mais fortes e capazes pelo Estado, mesmo que de setores, regiões e estruturas societárias diferentes. Desta maneira, o governo definiu a meta de formação de grupos corporativos de larga escala, os quais teriam direitos de propriedade independentes, seriam competitivos internacionalmente e constituiriam o alicerce da indústria de máquinas do país. Buscava-se uma intensa reorganização industrial, que fosse capaz de otimizar a produção por meio de ganhos de escala e pelo fortalecimento de elos da cadeia produtiva a partir de uma base industrial de fornecimento que também fosse muito bem articulada e competitiva. (MASIERO; COELHO, 2014, p. 10).

Não foi por acaso que este estudo se propôs a comentar como primeiro fator a política industrial chinesa. Embora muitos outros fatores tenham influenciado de forma decisiva o crescimento chinês, nenhum outro fator foi tão forte quanto este, na nossa visão. Pois foi através do planejamento do governo chinês que houve o direcionamento dos altos investimentos na indústria, formando as grandes economias de escala que, logicamente, se beneficiaram da mão de obra barata, câmbio desvalorizado e dos investimentos estrangeiros. A política industrial de altos investimentos em infraestrutura e atração de IEDs para o desenvolvimento de manufaturados foi o que possibilitou e firmou a China como maior produtor industrial do mundo. Portanto, a China é o que é hoje devido, em primeiro lugar, a liderança e estratégia de um governo que soube como ninguém fazer políticas de desenvolvimento industrial e incentivos empresariais, privilegiando setores estratégicos. Outros fatores que ocorreram de forma concorrente e paralela serão abordados a seguir.

### 3.2 Transferência Tecnológica de investimentos estrangeiros e IED

Os investimentos estrangeiros têm sido fundamentais para o crescimento da China. Eles vêm de investidores americanos, japoneses, europeus em busca de grandes lucros. O Ipea (2008) considera que a China oferece vantagens para investidores no curto e no longo prazo. No primeiro caso, a mão de obra barata e o câmbio desvalorizado propiciam alta rentabilidade para o capital investido. No longo prazo, o tamanho absoluto do mercado chinês e o seu grande potencial de crescimento atraem cada vez mais os investidores estrangeiros.

Um dos principais motivos de crescimento da China é que o mundo continua a nutrir a de capital. Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica japonês de Pesquisa econômica, Comercial e Industrial, um terço da produção industrial chinesa resultou do meio trilhão de dólares provenientes do exterior que entrou no país a partir de 1978. Em 2003, os estrangeiros investiram mais no estabelecimento de empresas na China do que em qualquer outro lugar do mundo. No passado, os Estados Unidos costumavam normalmente atrair a maior parte dos recursos externos, mas em 2003 a China assumiu decididamente a liderança, absorvendo 53 bilhões contra 40 bilhões encaminhados aos Estados Unidos. Junto com o dinheiro vem o conhecimento. O papel catalisador dos estrangeiros no país ainda cresce rapidamente: a cada dia a China recebe uma torrente de europeus, asiáticos e norte americanos especialistas em manufaturas, bancos, computação, publicidade e engenharia. Em 2003, as exportações e importações feitas por empresas estrangeiras que operam na China cresceram mais de 40% (FISHMAN, 2005, p. 24).

A criação das Zonas Econômicas Especiais (ZEEs) foi um grande atrativo para o IED que era atraído pelos grandes lucros das atividades industriais nas zonas de exportação. Para atrair ainda mais os investimentos estrangeiros, foi estabelecido a Zona de Desenvolvimento Econômico e Tecnológico, para o desenvolvimento da tecnologia nos setores de energia e de transporte (ACIOLY, 2005).

O governo passou a supervisionar a participação de estrangeiros em *joint ventures* que se formavam na China. A partir de 1979, a China começou a receber a entrada de investimentos de empresas multinacionais.

Quanto ao modo de entrada de investimento direto externo na China, este se deu primeiramente sob a forma de *joint ventures* – as chamadas *foreign invested enterprises* (FIEs). Essa forma jurídica foi autorizada em 1979, e estipulou que o capital estrangeiro poderia contabilizar 25% do capital total de uma *joint-venture*. Estabeleceu-se uma variação dessa forma, a *cooperative joint venture*, pela qual a distribuição dos lucros não dependia da quota de participação dos parceiros nas ações, mas seria determinada pelo acordo entre os parceiros no contrato. A segunda forma de entrada de IDE foi por meio da organização das *Wholly foreign firms* – empresas com participação estrangeira total, permitidas apenas dentro das zonas especiais. Deve-se ressaltar que, frente à inexistência de um setor privado, o governo não pretendia lançar esse tipo de empresa para o restante do país. Só depois de muita controvérsia e após um período de julgamento, as empresas 100% estrangeiras foram autorizadas, em 1986, mas somente caso exportassem 50% de sua produção ou produzissem mercadorias tecnologicamente avançadas (ACIOLY, 2005, p.6).

Para Vieira (2006), os fluxos de IED para a China são determinados mais fortemente por três fatores. O primeiro seria a presença de vantagens competitivas específicas (propriedades de empresas multinacionais), o segundo seria as vantagens específicas de instalação (locação) no país e, por último, as vantagens comerciais.

Vieira (2006 apud Giner e Giner, 2004) refere-se a um modelo de IED para a China de 1980 a 1997, onde variáveis sócio-políticas como instabilidade política, existência de políticas orientadas para a exportação, dentre outros, também explicariam o fluxo de IED para a China, e não somente as variáveis consagradas da economia como o PIB per capita, crescimento do PIB e custo de trabalho. Como resultado, as evidências mostraram que a instabilidade política (índice de risco) é importante para explicar os fluxos de IED, assim como o ambiente operacional e a orientação para as exportações.

Tabela 1: Fluxos de IED para economias selecionadas no período 1985-2003 (em US\$ milhões e em %)

| Fluxos de IDE         | 1985-1995** |     | 2000    |      | 2001   |      | 2002   |      | 2003   |      |
|-----------------------|-------------|-----|---------|------|--------|------|--------|------|--------|------|
|                       | US\$        | %*  | US\$    | %*   | US\$   | %*   | US\$   | %*   | US\$   | %*   |
| <b>Brasil</b>         |             |     |         |      |        |      |        |      |        |      |
| Entrada               | 1713        | 2.1 | 32779   | 28.2 | 22457  | 22.7 | 1659   | 19.6 | 10144  | 11.4 |
| Saída                 | 465         | 0.5 | 2282    | 2.0  | -2258  | -2.3 | 2482   | 2.9  | 249    | 0.3  |
| <b>Argentina</b>      |             |     |         |      |        |      |        |      |        |      |
| Entrada               | 2217        | 7.0 | 10418   | 22.6 | 2166   | 5.7  | 785    | 6.4  | 478    | 1.9  |
| Saída                 | 417         | 1.0 | 908     | 2.0  | 161    | 0.4  | -627   | -5.1 | 774    | 3.1  |
| <b>México</b>         |             |     |         |      |        |      |        |      |        |      |
| Entrada               | 4906        | 9.7 | 16586   | 13.4 | 26776  | 21.5 | 14745  | 11.8 | 10783  | 8.9  |
| Saída                 | 218         | 0.4 | 984     | 0.8  | 4404   | 3.5  | 930    | 0.7  | 1.39   | 1.1  |
| <b>China</b>          |             |     |         |      |        |      |        |      |        |      |
| Entrada               | 11887       | 6.6 | 40715   | 10.3 | 46878  | 10.5 | 52743  | 11.5 | 53505  | 12.4 |
| Saída                 | 1591        | 1.0 | 916     | 0.2  | 6884   | 1.5  | 2518   | 0.5  | 1.8    | 0.4  |
| <b>Estados Unidos</b> |             |     |         |      |        |      |        |      |        |      |
| Entrada               | 44434       | 5.2 | 314007  | 15.8 | 159461 | 8.1  | 6287   | 3.3  | 29772  | 1.5  |
| Saída                 | 42571       | 4.7 | 142626  | 7.2  | 124873 | 6.4  | 11534  | 6.0  | 151884 | 7.5  |
| <b>Mundo</b>          |             |     |         |      |        |      |        |      |        |      |
| Entrada               | 181704      | 3.9 | 1387953 | 19.8 | 817574 | 12.0 | 678751 | 10.1 | 559576 | 7.5  |
| Saída                 | 203620      | 4.6 | 1186838 | 17.1 | 721501 | 10.8 | 596487 | 9.0  | 612201 | 8.4  |

Fonte: UNCTAD, World Investment Report 2004

\*\*média dos anos de 1985 a 1995

\*porcentagem de formação de capital fixo (FBKF)

Os dados da tabela acima indicam que, a partir de 2001, a China sofre um aumento substancial nas saídas de IED, o que reflete em uma provável mudança nas estratégias de empresas multinacionais que atuam na China. Logicamente o volume é considerado extremamente inferior ao de entrada de IED no país (VIEIRA, 2006).

Embora os altos investimentos por parte das empresas multinacionais existam na China, há vários casos de pirataria intelectual, ou produção de bens de consumo de marcas famosas sem pagamento de royalties. Isso devido ao que se caracteriza pela ausência de proteção à propriedade intelectual. Existem ainda vários relatos de empresários chineses que associados a estrangeiros apropriam-se ilegalmente do conhecimento transferido do exterior para a produção de produtos análogos em outra empresa doméstica por preços diferentes (IPEA, 2008).

Muito embora a pirataria intelectual atue como barreira aos investimentos de empresas estrangeiras na China, diversos outros fatores, como a alta lucratividade, fazem com que o investimento ainda permaneça atrativo e a transferência tecnológica a baixo custo se consolide como uma grande vantagem obtida (IPEA, 2008).

Entretanto, esses mecanismos permitiram uma transferência de conhecimento a custos muito baixos e viabilizaram o desenvolvimento de diversos setores industriais, o que, de outra forma, talvez não tivesse sido possível. Deve-se reconhecer que a China não inaugurou o processo de transferência ilegal de conhecimento e que, ao longo da história, diversos outros países adotaram práticas semelhantes, sendo o Japão do pós-guerra o mais recente exemplo. (IPEA, 2008, p. 20).

Segundo Fishman (2005), os investimentos estrangeiros na China terminam por deixar a tecnologia de ponta facilmente disponível para os contraventores chineses. Ao investir na infraestrutura manufatureira, no fornecimento de equipamentos e no *know how*, o mundo está também ajudando a montar o mais sofisticado e bem sucedido complexo manufatureiro ilegal do planeta. Até agora, a apropriação indébita da propriedade intelectual chinesa custou muito pouco quando se fala em punições, mas gerou enormes benefícios para a sua indústria.

A falta de vigilância da China sobre a propriedade intelectual, na verdade, cria um enorme subsídio global no valor de bilhões de dólares em benefício de suas empresas e de seu povo. Visto por outro ângulo, os vastos esquemas de falsificação da China agem sobre o resto do mundo da mesma maneira que os exércitos coloniais antigamente agiam, invadindo profundamente as economias de suas vítimas, expropriando seus ativos mais valiosos e, conseqüentemente, impedindo-as de reagir. À medida que a China se transforma em grande potência, a riqueza transferida para ela por meio do roubo de propriedade intelectual estimulará o seu progresso (FISHMAN, 2005, p. 274).

Concluimos que os investimentos estrangeiros foram o grande motor do desenvolvimento industrial. Através deles, a China pôde competir no mercado internacional com produtos que pouco a pouco foram agregando qualidade e adequação aos padrões

internacionais. As ZEEs funcionaram como atrativos para a formação das *joint ventures*, onde a tecnologia estrangeira era difundida, apropriada e, como citado, em muitos casos, copiada.

Os baixos custos relacionados à produção e à taxa de câmbio desvalorizada foram responsáveis pela alta lucratividade do capital investido, que ao longo do tempo só cresceu. Esses últimos dois fatores serão abordados de forma mais detalhada a seguir.

### **3.3 Baixos custos de produção**

Um dos fatores mais abordados que é tido, muitas vezes, como principal condicionante para o baixo custo de produção chinesa, é justamente a sua mão de obra barata. Mas, segundo o IPEA (2008) esse fator não seria suficiente, pois muitas outras economias possuem custos mais baixos que os da China e não alcançam o mesmo nível de preço chinês. Sem os investimentos de Hong Kong e Taiwan nas primeiras ZEEs, a capacidade gerencial e a disponibilidade de capital tal crescimento não seria possível.

A disciplina dos trabalhadores chineses também é digna de receber atenção. Como dito anteriormente, a influência de Confúcio faz dos trabalhadores chineses profissionais altamente dedicados, disciplinados e obedientes (MENDONÇA, 2009).

Surpreendentemente, a China não possui a mão-de-obra mais barata do mundo. Mesmo ganhando 25 centavos de dólar por hora, os operários chineses custam mais que os trabalhadores mais pobres do sudeste asiático ou da África. Nos lugares mais miseráveis do mundo as crianças carregam rifles ou caminham por campos minados por menos de um dólar por dia. A China é a grande oficina do mundo porque se encontra numa parte relativamente estável do planeta e oferece aos industriais uma força de trabalho confiável, dócil e competente, resultado de disciplina assegurada pelo governo (FISHMAN, 2005, p. 15).

O que pode mais chamar a atenção é o motivo pelo qual a mão de obra chinesa não subiu de preço, mesmo com aumento considerável da demanda por novos trabalhadores nos setores voltados para exportações. Segundo o IPEA (2008) isso é devido, principalmente, à oferta de mão de obra quase infinitamente elástica (e que continuará assim pelos próximos anos) ainda com determinado grau de qualificação (mesmo que baixo).

Essa oferta é considerada quase que infinitamente elástica devido à grande disponibilidade de mão de obra oriunda dos campos chineses. Esses trabalhadores vêm em massa dos antigos campos chineses, fugindo das precárias condições lá existentes.

A outra grande influência recente é a migração de centenas de milhões de camponeses oriundos das zonas rurais, agora que o governo lhes permite movimentar-se dentro do país. Com efeito, a adoção do capitalismo de mercado ao

longo das duas últimas décadas e o fim do subsídio oficial aos camponeses são forças que se juntaram para expulsá-los das terras. A migração é a maior da história humana. É também uma das menos exatas em termos de quantidades: as estimativas quanto ao número de pessoas que se dirigiu às cidades com o objetivo de encontrar emprego vão de noventa a trezentos milhões, multidão que mesmo no limite mais baixo equivale ao total de mão-de-obra nos Estados Unidos. No limite mais elevado, o número é maior do que as forças de trabalho dos Estados Unidos e da Europa juntas (FISHMAN, 2005, p. 16).

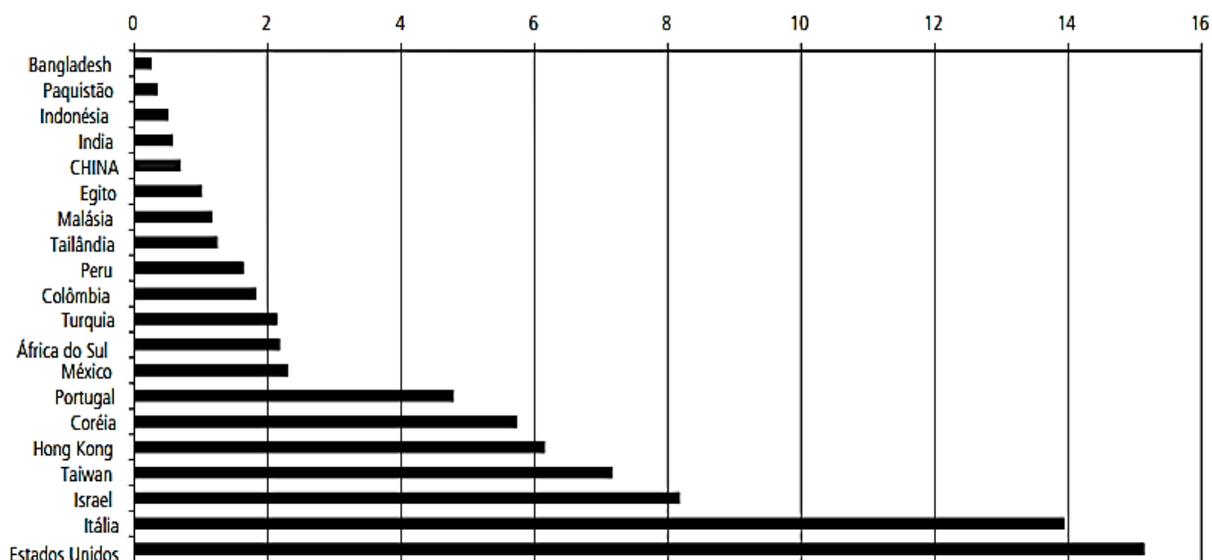
As migrações vindas do campo chinês pressionam o preço dos salários para baixo, devido ao aumento substancial da oferta. Muitos chineses se submetem a condições de trabalho precárias sem ao menos reclamar, pois a vida no campo apresentava dificuldades ainda maiores.

Outro fator que contribui para os baixos salários dos trabalhadores chineses é a ausência de direitos perante os empregadores. A inexistência de férias (afora três semanas anuais de feriados), ausência de aviso prévio, semana de trabalho de sete dias constituem práticas comuns (IPEA, 2008).

Boa parte dos trabalhadores chineses não-qualificados das grandes cidades é constituída de imigrantes temporários provenientes das zonas rurais. Atualmente, ao contrário do que prevalecia até poucos anos, esses trabalhadores não são considerados ilegais. Contudo, por não possuírem carteira de identidade emitida pela cidade onde trabalham, não possuem acesso a nenhum tipo de serviço público, como saúde e educação. Dessa forma, normalmente não trazem a família para a cidade. E aceitam dormir no emprego, obviamente sem pagar nada. Isso permite, portanto, não ter gastos com moradia e transporte, que constituem boa parte dos dispêndios dos trabalhadores de baixa renda. Essas especificidades tornam mais difíceis as comparações com os salários monetários de países onde tais práticas não existem. (IPEA, 2008, p. 18).

O gráfico 12 exemplifica como a mão de obra da China é barata em relação aos países desenvolvidos. Mesmo que Paquistão, Indonésia e Índia tenham uma mão de obra mais barata que a chinesa, os custos de produção chineses ainda se destacam. Enquanto nos Estados Unidos o trabalhador recebe 15 dólares por hora trabalhada, na China os trabalhadores recebem menos de 1 dólar.

Gráfico 2: Fiação e tecelagem: custo horário da mão de obra em U\$ (2002)



Fonte: Textiles and Apparel - Assessment of the Competitiveness of Certain Foreign Suppliers to the US Market (2004).

Outro fator que faz com que a mão de obra chinesa seja relativamente mais barata que na maior parte do mundo, é que o custo de vida na China também é consideravelmente bem mais barato do que nos países produtores de manufaturados, como os Estados Unidos e a Alemanha. Logo, o salário mesmo baixo em termos nominais, poderá ter um maior poder de consumo dentro do território chinês como explica Fishman (2005, p. 19):

Alguns analistas já a colocam em um ponto mais alto. Levam em conta o que pode ser comprado na China por um dólar, o que, afinal, é muito mais do que pode ser comprado nos Estados Unidos, na Europa e no Japão e na maior parte dos demais lugares do mundo onde se vale a pena gastar um dólar. Algumas mercadorias como maquinaria japonesa, petróleo saudita, moda francesa, produtos farmacêuticos suíços, tem preços globais padronizados. Mas a oferta e a demanda que governam maior parte da economia da China – mão-de-obra, alimentos, aluguéis, tijolos, médicos, roupas e entretenimento de origem chinesa – dependem do mercado local. Em Indianápolis seriam necessários 4,7 dólares para comprar o que um dólar compra na China. A estimativa feita pela CIA compensa a disparidade, cuja enganosa denominação é “paridade do poder de compra”, ajustando a posição da China entre as economias do mundo. O PIB chinês, que vale 1,4 trilhões de dólares segundo os cálculos da CIA parecia ter um valor de 6,6 trilhões.

Esse baixo custo de vida também reflete no baixo custo dos investimentos e do consumo interno das indústrias chinesas. Comprar dentro da própria China é um grande diferencial para baratear o custo de produção. O mercado interno oferta insumos e capital fixo com custo bem mais baixo do que nos países desenvolvidos, como nos EUA e na Europa.

Mais ainda, as companhias chinesas trabalham em um ambiente no qual grande parte do que necessitam, fora da fábrica propriamente dita, é muito mais barata que em uma economia industrial avançada. A construção de estradas é muito menos

onerosa, e os prédios de uma fábrica costumam custar um oitavo do que custariam nos Estados Unidos, e ainda menos do que na Europa Ocidental e no Japão. Os orçamentos de entretenimento para os clientes e funcionários governamentais duram mais tempo. E quando é adequada, praticamente toda maquinaria industrial feita na China reduz as despesas de capital a uma fração do preço no mercado mundial. Segundo números compilados pelo Boston Consulting Group, as máquinas de moldagem de plástico por injeção fabricadas na China custam apenas um terço do que custam nos Estados Unidos, e as prensas de potência e as máquinas de moldagem por pressão custam um vigésimo. Assim a China ainda consegue reduzir os custos dos processos de fabricação, e as empresas de todo o mundo são obrigadas a contar com os chineses para isso (FISHMAN, 2005, p. 212).

O baixo custo de produção se consolida como principal diferencial competitivo da China. Em vários lugares do mundo, o preço da China serve como parâmetro e objeto de pressão dos compradores por menores preços em seus respectivos mercados internos. A China pode ser considerada uma exportadora de deflação (FISHMAN, 2005).

O preço baixo da China deriva então primeiramente de sua elevada oferta de mão de obra vinda dos campos e ausência de direitos aos seus trabalhadores, reduzindo os salários; o baixo custo de vida encontrado no país e o baixo custo do investimento encontrado pelos empresários nacionais e investidores estrangeiros.

#### **4 ANÁLISE DOS FATORES QUE DETERMINARAM A CHINA COMO MAIOR EXPORTADORA DO MUNDO**

Este capítulo descreve os principais fatores da expansão das exportações. O câmbio desvalorizado é visto como o principal fator, o que contribuiu paralelamente para o crescimento das reservas em moedas estrangeiras. A política de abertura comercial aliada a investimentos em pesquisa e tecnologia foram fundamentais para a consolidação da China como grande exportadora de produtos manufaturados.

A China se tornou importante fornecedora e parceira econômica dos países asiáticos. Sua produtividade, tecnologia e crescimento econômico ameaçam importantes parceiros como o Japão e a Coreia do Sul.

##### **4.1 Câmbio desvalorizado**

A taxa de câmbio da China tem sido um dos grandes aliados das políticas macroeconômicas do governo chinês. Ela funciona como uma grande proteção à sua indústria,

uma vez que torna mais onerosa a importação, em detrimento de uma melhor estrutura para baixar os preços e os custos de produção de seus produtos no mercado mundial.

Em 1986, a taxa de câmbio da China evolui de um mecanismo centralizado de controle para um sistema dual de taxa de câmbio. Depois evolui para um período de flutuação administrada com uma banda restrita. Em 1997, a moeda chinesa renmimbi passa ser atrelada ao dólar na taxa de 8,28 *yuan*/dólar, valor que é mantido até 2005, quando a taxa de câmbio chinesa passou a ser flexibilizada. Abaixo podemos ver a variação cambial do nosso período em estudo (ANDRADE, 2006).

Tabela 2: Média anual da taxa de câmbio de 1 *yuan* chinês – 2000-2012

| Ano  | Taxa de US\$ |
|------|--------------|
| 2000 | 8,2784       |
| 2001 | 8,2770       |
| 2002 | 8,2770       |
| 2003 | 8,2770       |
| 2004 | 8,2768       |
| 2005 | 8,1917       |
| 2006 | 7,9718       |
| 2007 | 7,6040       |
| 2008 | 6,9451       |
| 2009 | 6,8310       |
| 2010 | 6,7695       |
| 2011 | 6,4588       |
| 2012 | 6,3125       |

Fonte: Wikipedia, List of renminbi exchanges rate.

Segundo Cunha, Biancareli e Prates (2007):

A Flexibilização do *Yuan* é um exemplo importante de como a China maneja os instrumentos econômicos com um sentido estratégico de longo prazo. Por isso insinua-se a existência de uma diplomacia do “*Yuan* fraco”, em que a gestão da moeda nacional (e de seu valor externo) se vincula estreitamente ao objetivo da preservação do crescimento e da estabilidade econômica e política, interna e externa (CUNHA; BIANCARELI; PRATES, 2007, p. 2).

A estratégia abordada como diplomacia do “*Yuan* fraco” pode então ser compreendida como uma proteção do governo chinês contra a volatilidade do capital, dando suporte à estabilidade econômica e ao crescimento industrial. O regime cambial flexível veio no momento em que cresciam as pressões externas sobre a moeda chinesa.

Várias análises apontavam a taxa de câmbio chinesa como a causa dos desequilíbrios internacionais de pagamentos. Essa pressão vinha principalmente dos EUA,

que acreditavam que a valorização do *Yuan* revertesse a trajetória de déficits em transações correntes dos EUA (CUNHA; BIANCARELI; PRATES, 2007).

A pressão americana exerce-se essencialmente contra a centralização cambial e a política de compra de reservas do Banco central chinês que impedem que o yuan se valorize com o acúmulo dos fluxos líquidos de capitais. Tendo em vista a elevada participação de depósitos em moeda estrangeira no sistema bancário chinês, e o elevado peso do dólar como moeda de denominação do comércio exterior chinês, a resistência chinesa em alterar seu regime cambial deve-se ao temor de que a liberalização financeira provoque pressões especulativas introduzindo uma restrição à autonomia da política monetária chinesa (MEDEIROS, 2006, p. 2).

Embora a mudança no regime cambial tenha existido, a apreciação cambial se mostrou baixa, por volta de 3% em 2005 e 2006, 7% em 2007 e 2,5% em 2009. Essa mudança gradual segue a orientação da política macroeconômica chinesa em promover um ajuste gradual e adaptativo no valor externo de sua moeda (CUNHA; BIANCARELI; PRATES, 2007).

Tal opção precisa ser compreendida a partir da necessidade da China de administrar uma série de tensões contraditórias especialmente no que se refere ao objetivo de preservar sua trajetória de crescimento e modernização *versus* reduzir um conjunto de pressões externas – que vem de fontes oficiais e privadas, cujos interesses comerciais, financeiros e geopolíticos se chocam com o papel cada vez mais ativo do país na ordem internacional – e internas – derivados dos desequilíbrios criados com a rapidez de sua expansão (CUNHA; BIANCARELI; PRATES, 2007, p. 3).

A apreciação cambial de forma gradativa funciona como um escudo da economia chinesa em relação às pressões especulativas, mantendo a economia sempre dentro de parâmetros estimáveis, que geralmente estão acima das médias mundiais de crescimento.

Logo, o valor externo do *yuan* era ponderado entre os objetivos políticos de longo prazo e a capacidade de adaptação às circunstâncias conjunturais da China em um ambiente de internacionalização e repentinas mudanças industriais (CUNHA; BIANCARELI; PRATES, 2007).

Assim, o anúncio do BPoC fala em "...aprimorar o sistema de economia socialista de mercado na China, capacitando os mercados a desempenharem de forma plena a alocação dos recursos...", e garantir "maior flexibilidade" na relação entre o dólar e o *renminbi* (RMB). Por outro lado, o BPoC manteve o compromisso de atuar no mercado em função de uma estratégia econômica mais ampla, o que fica explícito quando anuncia que "...irá fazer ajustes na banda cambial do RMB sempre que necessário de acordo com os movimentos de mercado e, também, a situação econômica e financeira". Assim, o BPoC se considera responsável por "...manter a taxa de câmbio do RMB basicamente estável em um nível adaptativo e de equilíbrio, de modo a promover o equilíbrio do balanço de pagamentos e assegurar a

estabilidade macroeconômica e financeira" (CUNHA; BIANCARELI; PRATES, 2007, p. 6).

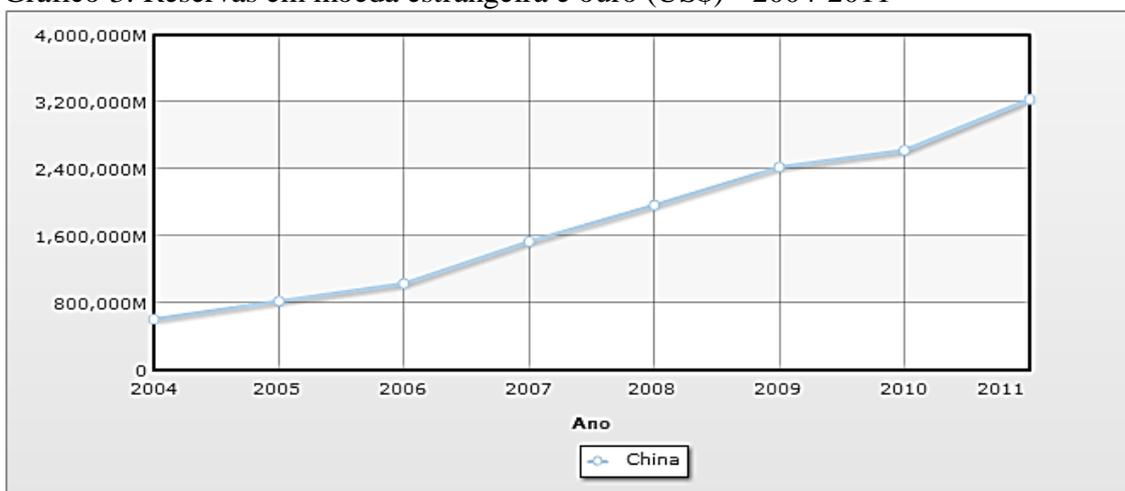
Vieira (2006 apud FRANKEL, 2005) enumera vários fatores que contrastam com a sobrevida da rigidez cambial da política chinesa em relação ao dólar. Logo, a flexibilização do regime cambial deveria ser apoiada pelos seguintes fatores:

- 1) As pressões inflacionárias se tornando cada vez mais relevantes. A apreciação cambial ajudaria na minimização de tais pressões.
- 2) Em caso de uma eventual crise monetária, o atual nível de reservas internacionais em dólares já seria suficiente para a proteção da economia.
- 3) O ajuste da taxa de câmbio real deveria ser feito não por meio do ajuste de preços, mas sim, por meio de ajustes na taxa de câmbio nominal.
- 4) O equilíbrio externo não deve ser alcançado apenas com políticas redutoras de gastos (elevação de juros). A taxa de câmbio também é um importante instrumento para busca do equilíbrio interno e externo.
- 5) Mudanças no regime cambial devem ocorrer justamente quando a economia está equilibrada sob o ponto de vista macroeconômico. Mudanças cambiais quando a economia se encontra fragilizada macroeconomicamente e monetariamente tornam a economia mais suscetível a ataques especulativos.

O significativo acúmulo de reservas internacionais pela China, ao longo dos últimos anos, tem sido apontado como um elemento adicional que pressiona a flexibilização do regime cambial e que, por outro lado, acaba servindo como uma variável de proteção contra possíveis alterações nos movimentos dos capitais internacionais (tanto sob a forma de IDE como de portfólio) e que serve, ao mesmo tempo, como um importante instrumento de ajuste externo para a China (VIEIRA, 2006, p. 415).

Como podemos ver no gráfico a baixo, a política chinesa de câmbio desvalorizado e de importação do déficit fiscal americano fez com que as reservas em moeda estrangeira saltassem de aproximadamente 610 bilhões de dólares em 2005 para mais de 3 trilhões em 2011.

Gráfico 3: Reservas em moeda estrangeira e ouro (US\$) - 2004-2011



Fonte: Indexmundi. Disponível em: <<http://www.indexmundi.com/g/g.aspx?v=144&c=ch&l=en>>

O grande estoque de moeda estrangeira é o resultado do esforço do governo chinês em manter sua taxa cambial sempre desvalorizada em relação ao dólar. Esse esforço é mais do que compensado com o vitorioso estímulo a entrada de capital estrangeiro. Visto que o câmbio desvalorizado torna o investimento estrangeiro bem mais barato que nos países desenvolvidos, a China tem se beneficiado e se desenvolvido com suas políticas cambiais de atração do capital estrangeiro.

Além das reservas internacionais, o câmbio chinês desvalorizado facilita sua política de substituição das importações, desenvolvendo sua indústria local nos mais diversos setores, como também contribui para a redução dos custos produtivos.

#### **4.2 Criação das Zonas Econômicas Especiais**

Da proximidade de Hong Kong veio a inspiração para a formação das Zonas Econômicas Especiais (ZEEs a partir de agora). O principal objetivo seria a atração de investimentos estrangeiros em uma zona de legislação mais flexível. Primeiramente foram quatro ZEEs localizadas no litoral sul, fundadas em 1980. Nelas, passaram a serem concedidas diversas isenções fiscais, além de *clusters* e vários outros incentivos, como a completa isenção de impostos.

A criação das Zonas Econômicas Especiais (SEZs) incentivou a entrada das Foreign Invested Enterprises (FIEs) basicamente no setor industrial, que passou a absorver 61% do total acumulado de IDE no país. As exportações chinesas cresceram a uma taxa anual de 15%, entre 1989 e 2001. Em 1989, as filiais estrangeiras contabilizavam menos de 9% do total das exportações e, em 2002, respondiam por metade do total. Na indústria de transformação, a participação das filiais estrangeiras no total das exportações no ano de 2000 foi de 91%, particularmente em alguns setores de alta tecnologia, como eletrônicos, automação e processamento de dados e telefonia móvel (ACIOLY, 2005, p. 7).

Podemos concluir que a criação das ZEEs desenvolveu bastante a indústria chinesa através da atração de investimentos de empresas estrangeiras, que inicialmente contou com uma grande participação de Hong Kong.

As quatro ZEEs eram Shenzhen, Zhutai, Shantou e Xiamen. As duas primeiras eram quase ao lado de Hong Kong, possibilitando muita troca de experiência e transferência tecnológica. Visto que Hong Kong passou por um período de elevação nos preços dos terrenos e dos salários, devido ao seu tamanho reduzido, as ZEEs da China se tornaram um

excelente aliado para desenvolvimento comercial e barateamento de sua produção (IPEA, 2008).

A criação das primeiras ZEEs nessa região permitiu o deslocamento daquela produção industrial para a República Popular da China, ao mesmo tempo em que Hong Kong migrava sua produção para produtos superiores na escala tecnológica. Nesse processo, transferiu-se também capacidade gerencial e de organização da produção e contatos comerciais com o resto do mundo – tudo num contexto de identidade cultural comum e de conhecimento das idiossincrasias locais pelos investidores, em sua maioria chineses expatriados. Os bons resultados obtidos nessas áreas levaram o governo chinês a criar, em 1984, outras 14 ZEEs semelhantes, ao longo do litoral. As áreas disponíveis para investimentos estrangeiros expandiram-se rapidamente, atingindo todo o litoral, no final da década de 1980, e alcançando o interior do país na década seguinte (IPEA, 2008, p. 16).

As ZEEs são também responsáveis pelo agrupamento de indústrias regionais, especialmente as que são intensivas em conhecimento, tendo papel muito importante no desenvolvimento tecnológico chinês. Destacamos também o crescimento tecnológico pelo crescimento de IEDs nas ZEEs, também incentivados pelos incentivos fiscais do governo (IPEA, 2008).

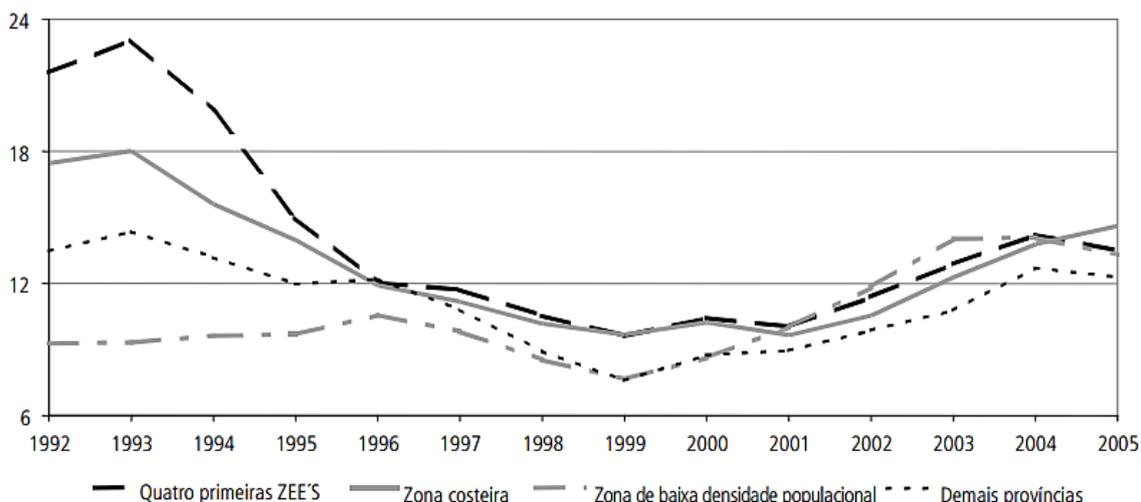
O crescimento dos IDEs na China, como já apontado, é um dos fatores importantes no seu desenvolvimento. Mas a presença das EMNs<sup>3</sup> no país não pode ser corretamente avaliada fora do contexto específico. Inicialmente, as EMNs dirigiram-se quase que exclusivamente às ZEEs – onde recebem diversos incentivos fiscais, terrenos e edificações; localizam-se ao lado de fornecedores e de outras indústrias semelhantes, além de centros de pesquisa, incubadoras de empresas, laboratórios de ponta, infraestrutura de energia e transporte. Essa localização privilegiada facilita o surgimento de transbordamentos tecnológicos: é o sonho de um Sistema Local de Inovação tornado realidade (IPEA, 2008, p. 19).

Conforme citado, as ZEEs atuaram como atrativo físico dos capitais estrangeiros, promovendo o desenvolvimento das pesquisas e inovações. No gráfico abaixo, podemos perceber que os investimentos recebidos, assim como as isenções tributárias, foram determinantes para o crescimento do PIB das ZEEs de forma notavelmente superior às zonas costeiras e demais províncias.

Gráfico 4: China: Taxas de variação do PIB por região (%)

---

<sup>3</sup> Empresas multinacionais.



Fonte: NBS. Elaboração IPEA.

As Zonas Econômicas Especiais apresentaram crescimento superior às demais. No começo da década de 1990, a diferença era bastante expressiva, onde nas ZEEs eram por volta de 20%, enquanto nas zonas de baixa densidade populacional não chegavam a 10%. Aos poucos, o crescimento foi se espalhando ao longo do território chinês.

### 4.3 Abertura Comercial

Vieira (2006), abordando a questão da abertura comercial, sugere uma associação positiva entre a abertura comercial chinesa e o crescimento econômico. Como fato que evidencia o que foi previamente dito, temos que o PIB na década de 80 era composto entre 13 e 16% do comércio exterior, taxa que passou para 30% nos anos 90 e superou os 60% no ano de 2003.

Tabela 3: Grau de abertura – China (1980 a 2003) em % do PIB – 1980-1991

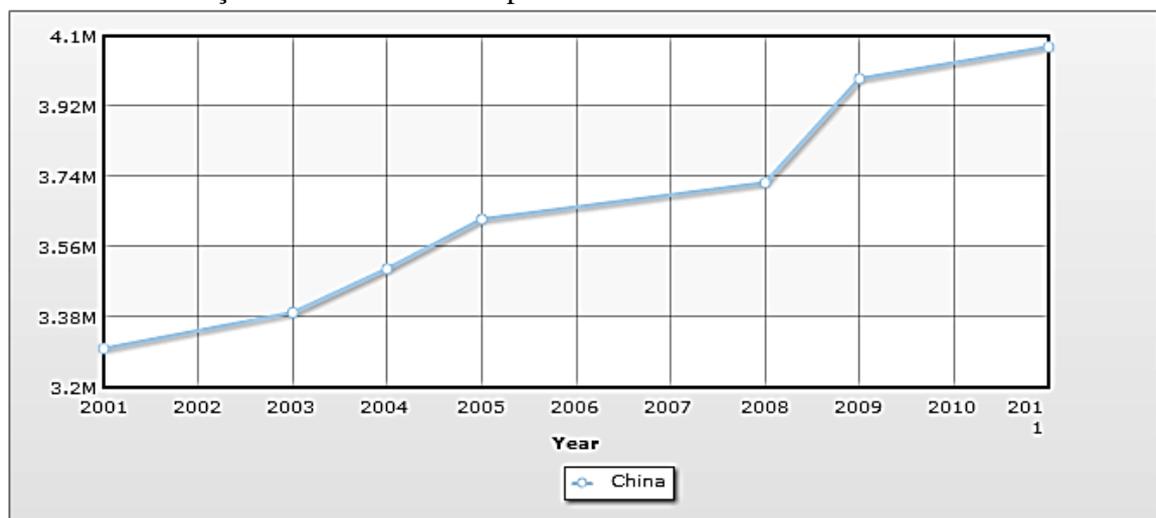
| Anos | 1980  | 1981  | 1982  | 1983  | 1984  | 1985  | 1986  | 1987  | 1988  | 1989  | 1990  | 1991  |
|------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
|      | 13.61 | 16.77 | 16.25 | 15.76 | 18.84 | 24.10 | 26.54 | 27.32 | 27.18 | 26.24 | 31.85 | 35.52 |
| Anos | 1992  | 1993  | 1994  | 1995  | 1996  | 1997  | 1998  | 1999  | 2000  | 2001  | 2002  | 2003  |
|      | 37.46 | 35.67 | 48.77 | 45.68 | 39.90 | 41.38 | 39.21 | 41.49 | 49.06 | 48.54 | 54.77 | 65.00 |

Fonte: WDI 2004

Para Medeiros (2006) a escassez potencial de energia, matérias-primas para a produção industrial e alimentos estaria no centro das preocupações do governo chinês. Isso tem levado a política externa chinesa a três medidas. A primeira delas seria a busca de fontes de energia como o petróleo e gás, levando a China a se aproximar de países de influência dos

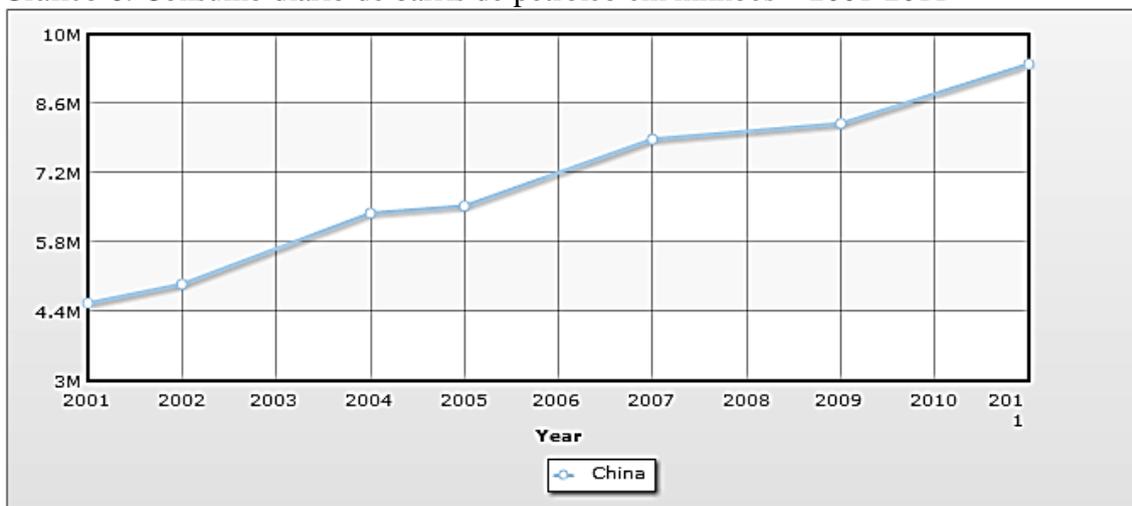
EUA, ou mesmo países como Irã e Venezuela. A segunda medida seria os investimentos em economias periféricas ricas em recursos naturais, como o Brasil, ou mesmo economias mais avançadas, como o Canadá e a Austrália, para ampliar as fontes de suprimento de recursos estratégicos. A terceira medida pode ser compreendida pelo aprofundamento das relações econômicas em nível regional, com maiores fluxos de comércio e investimento.

Gráfico 5: Produção diária de barris de petróleo em milhões – 2001-2011



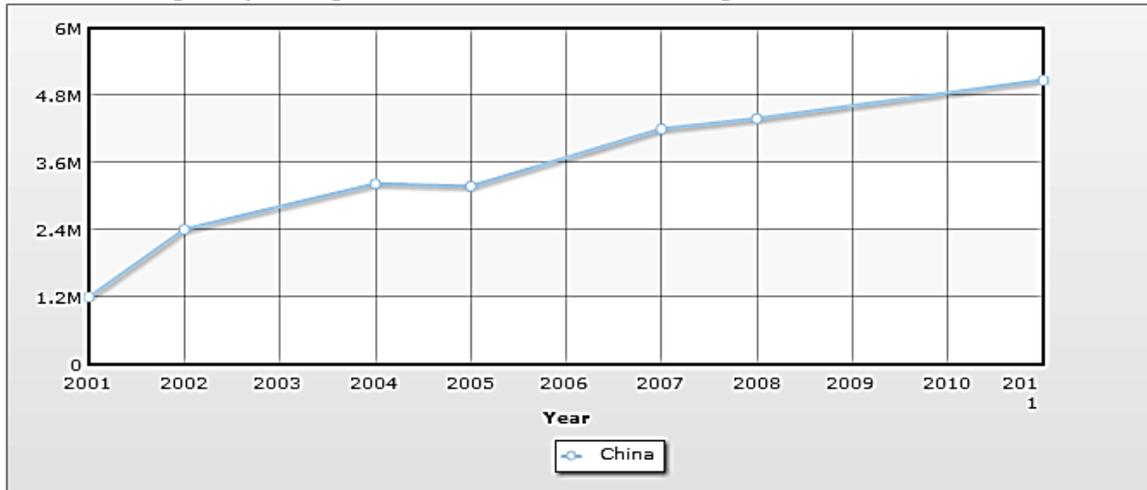
Fonte: Indexmundi. Disponível em: <<http://www.indexmundi.com/g/g.aspx?v=88&c=ch&l=en>>

Gráfico 6: Consumo diário de barris de petróleo em milhões – 2001-2011



Fonte: Indexmundi. Disponível em: <<http://www.indexmundi.com/g/g.aspx?v=91&c=ch&l=en>>

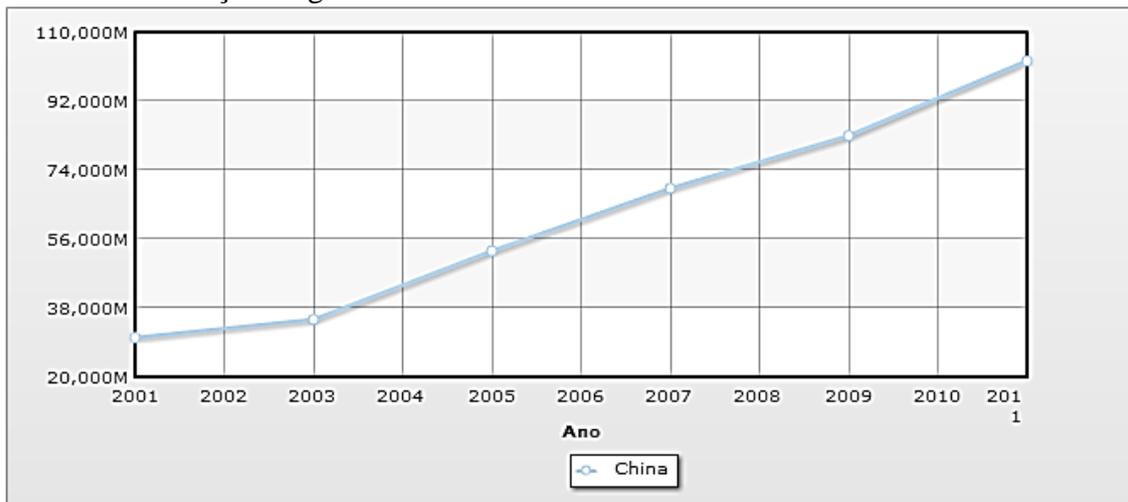
Gráfico 7: Importação de petróleo em milhões de barris por dia – 2001-2011



Fonte: Indexmundi. Disponível em: <<http://www.indexmundi.com/g/g.aspx?v=93&c=ch&l=en>>

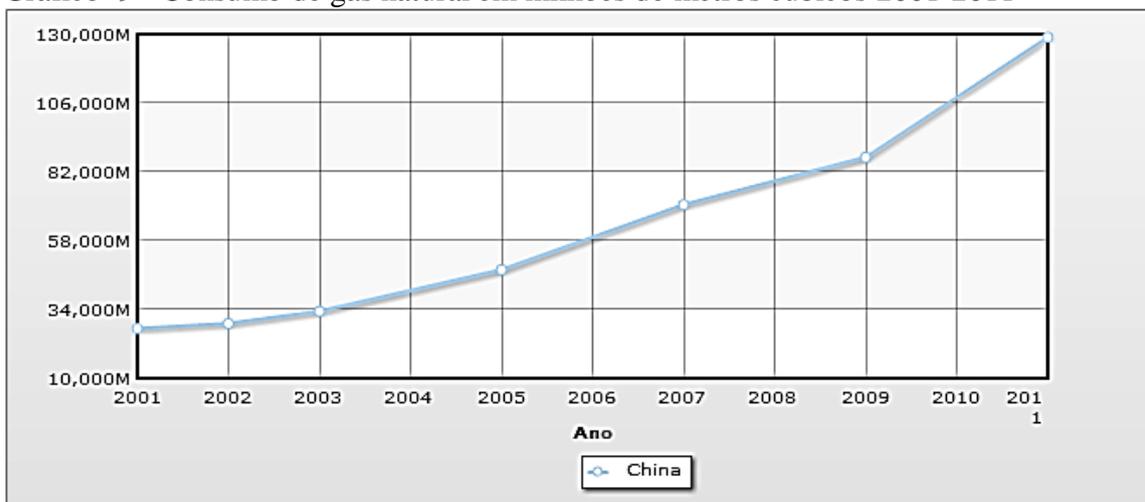
Analisando os três gráficos acima sobre a produção, consumo e importação de petróleo, podemos perceber, embora a produção chinesa de petróleo seja equiparada a grandes países produtores do produto – chegando a quase 4 milhões de barris de petróleo por dia –, o seu alto consumo de cerca de 9 milhões de barris por dia, faz da China dependente das importações. Mudanças na matriz energética seria o mais indicado para diminuir a dependência de quase 5 milhões de barris por dia que devem ser importados.

Gráfico 8: Produção de gás natural em milhões de metros cúbicos – 2001-2011



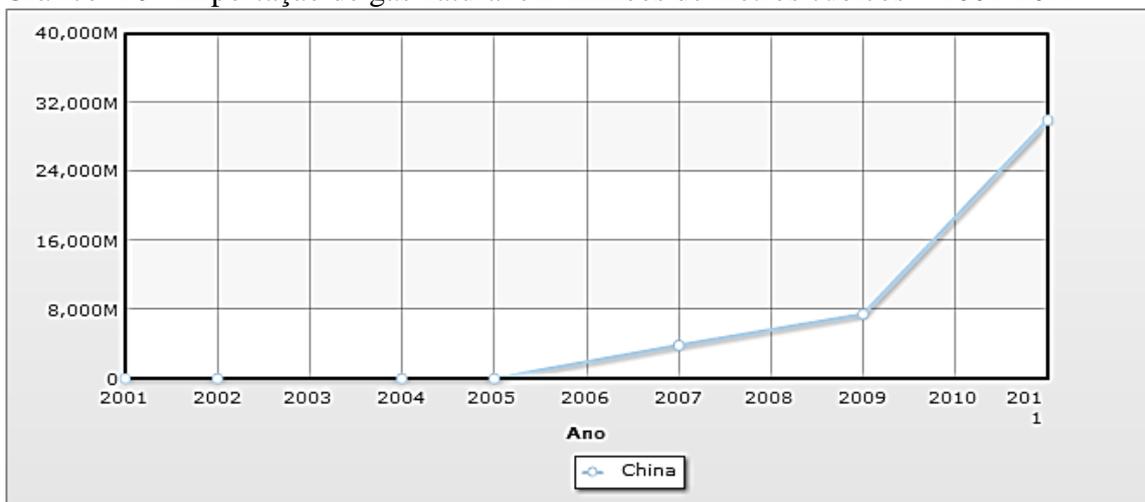
Fonte: Indexmundi. Disponível em: <<http://www.indexmundi.com/g/g.aspx?v=136&c=ch&l=en>>

Gráfico 9 - Consumo de gás natural em milhões de metros cúbicos 2001-2011



Fonte: Indexmundi. Disponível em: <<http://www.indexmundi.com/g/g.aspx?v=137&c=ch&l=en>>

Gráfico 10 - Importação de gás natural em milhões de metros cúbicos – 2001-2011



Fonte: Indexmundi. Disponível em: <<http://www.indexmundi.com/g/g.aspx?v=139&c=ch&l=en>>

Os gráficos de produção, consumo e importação de gás também mostram uma certa dependência das importações. Autossuficiente até 2005, as importações saltaram em 2009 quando houve um grande aumento do consumo.

Mas não só a demanda de petróleo e gás da China vem sendo complementada com importações. Países como Japão, Taiwan e Coreia do Sul se tornaram importantes fornecedores no suprimento de máquinas e equipamentos, sustentando o ritmo acelerado da

ampliação do setor industrial, suprindo a demanda dos investimentos produtivos. Somando essas quatro economias (Japão, Hong Kong, Coreia e Taiwan), elas responderão por mais de 60% dos IEDs absorvidos pela China (CUNHA; BIANCARELI; PRATES, 2007).

A demanda chinesa por matérias-primas e equipamentos fica patente no fato de suas importações passarem de uma média mensal de US\$ 20 bilhões no começo de 2002 para mais de US\$ 50 bilhões/mês no final de 2004, início de 2005 – valor que segue crescendo para algo em torno de US\$ 70 bilhões/mês em 2006 (IMF, 2006b). Segundo as estimativas do Banco Mundial, entre 2002 e 2004 as importações chinesas foram responsáveis por metade do crescimento das exportações dos demais países da região (World Bank, 2005:17). No primeiro semestre de 2006, a China já respondia por um quarto das exportações totais dos países de renda mais elevada na região e por cerca de 10% do total exportado pelos países da Asean (IMF, 2006c). Por outro lado, a presença cada vez mais forte das exportações chinesas em terceiros mercados tem se revelado um importante desafio tanto para os países que apresentam vantagens comparativas semelhantes às chinesas, pela abundância relativa de mão de obra barata, quanto para países como a Coreia, que dependem sensivelmente do drive exportador em manufaturados mais sofisticados (CUNHA; BIANCARELI; PRATES, 2007, p. 7).

A abertura comercial mostrou ao mundo o papel da China como maior importador da região asiática, sendo fundamental para o crescimento da demanda industrial dos países da região. Em contrapartida, o crescimento ainda em maior proporção das exportações chinesas, em setores que até pouco não tinham tradição, tem aberto os olhos de seus principais concorrentes e fornecedores, como Coreia do Sul, Japão e Taiwan.

Uma grande estratégia comercial da China é a importação, de seus parceiros asiáticos, de peças e componentes de produtos do setor eletrônico e de comunicação para executar as etapas finais de produção, beneficiando-se de outros fatores já mencionados para a exportação desses itens com um custo bem mais baixo.

A capacidade de a China atrair investimentos estrangeiros não se esgota nos incentivos e vantagens desfrutados pelas EMNs nas ZEEs. No curto prazo, o baixo custo da mão-de-obra e uma taxa de câmbio desvalorizada propiciam elevada rentabilidade ao capital externo, especialmente àquele voltado às exportações. A produção dirigida ao mercado externo goza de isenção de impostos de importação para matérias-primas, peças e componentes. Assim, as EMNs – especialmente as do setor de eletrônicos e comunicações, que representam grande parte das exportações chinesas – podem instalar, na China, as etapas finais da produção, aproveitando as peças e componentes produzidos pelas filiais localizadas nos países vizinhos. No longo prazo, o tamanho absoluto do mercado chinês e, especialmente, seu potencial de crescimento constituem um atrativo importante ao investimento (IPEA, 2008, p. 19).

Mas não são apenas os parceiros asiáticos da China que transferiram as etapas finais de produção. Os países desenvolvidos têm transferido sua estrutura produtiva para a China. A intenção era que os baixos custos de produção pudessem manter um padrão elevado

de consumo dos países centrais, principalmente os Estados Unidos. É a chamada Hipótese de Bretton Woods II (HBW II, de agora em diante), como podemos ver a seguir.

No lado real da economia mundial, o deslocamento, via investimento direto externo, de parte crescente da capacidade produtiva antes localizada nos países centrais para tais regiões periféricas, criaria uma certa rigidez na reversão dos déficits externos dos EUA, mesmo em um contexto de mudanças de preços relativos — por meio de uma depreciação na taxa de câmbio real e efetiva do dólar. Em contrapartida, consumidores e empresas norte-americanas poderiam manter níveis elevados de gasto e, assim, de "bem-estar", sem que isso se traduzisse em (maiores) pressões inflacionárias domésticas, incorporando os benefícios da produção de manufaturas em países com menores custos de mão-de-obra. Essa linha de argumentação vem sendo denominada hipótese Bretton Woods II [...], na medida em que sugere a estruturação implícita de uma certa ordem monetária internacional, com as moedas dos países periféricos gravitando, cada vez mais, ao redor do dólar (CUNHA; BIANCARELI; PRATES, 2007, p. 7).

A abertura comercial chinesa foi fundamental no sentido de que trouxe investimentos estrangeiros, além de suprir a demanda chinesa de matérias importantes para sua grande indústria. Trouxe modernização de setores e consolidou a China como importante motor da demanda de outros países asiáticos, como também serviu de importante oficina de países asiáticos desenvolvidos para a produção das etapas finais de produção. Por fim, recebeu grandes investimentos dos Estados Unidos, que em troca de manter um elevado padrão de consumo de sua população, levou boa parte de sua capacidade produtiva para o território Chinês (HBW II).

#### **4.4 Altos investimentos em inovação, pesquisa e tecnologia**

Para o IPEA (2008), o significativo crescimento chinês também reflete a mudança na especialização de suas exportações. Antes conhecida por produzir e exportar apenas produtos intensivos em mão de obra, devido principalmente ao baixo custo desse setor, outros setores, como o de informática, o automobilístico e o de bens de capital, estão mais participativos na pauta de exportações como vemos na tabela abaixo.

Tabela 4: Comércio Exterior chinês, segundo intensidade tecnológica – 1990 e 2005

| Tipo de produto                               | Exportações |     |             |     | Importações |     |             |     |
|-----------------------------------------------|-------------|-----|-------------|-----|-------------|-----|-------------|-----|
|                                               | 1990        | %   | 2005        | %   | 1990        | %   | 2005        | %   |
| <i>Commodities</i>                            | 11.372.159  | 18  | 40.213.608  | 5   | 9.282.362   | 17  | 93.626.829  | 14  |
| Intensivos em mão-de-obra e recursos naturais | 23.588.559  | 38  | 206.204.675 | 27  | 8.530.621   | 16  | 34.796.125  | 5   |
| Baixa intensidade tecnológica                 | 3.412.487   | 5   | 63.399.891  | 8   | 4.261.567   | 8   | 32.793.243  | 5   |
| Média intensidade tecnológica                 | 7.632.146   | 12  | 122.310.327 | 16  | 15.938.644  | 30  | 126.199.466 | 19  |
| Alta intensidade                              | 8.232.933   | 13  | 282.745.600 | 37  | 13.265.147  | 25  | 288.225.678 | 44  |
| Outros                                        | 7.853.107   | 13  | 43.440.514  | 6   | 2.066.780   | 4   | 77.263.170  | 12  |
| Total                                         | 62.091.391  | 100 | 758.314.615 | 100 | 53.345.121  | 100 | 652.904.512 | 100 |

Fonte: Elaboração do IPEA a partir de dados da UNCTAD

Os produtos de alta intensidade tecnológica passaram de 13%, em 1990, para 37% do total das exportações da China. Paralela a isso, temos a diminuição dos intensivos em mão de obra de 38% para 27% das exportações, confirmando a mudança de sua pauta de exportação e especialização produtiva.

Embora o valor total de importações e exportações de produtos de alta intensidade tecnológica tenha apresentado grande semelhança, as exportações cresceram 3.334% no período de 1990 a 2005 contra 2.072% das importações. Esse dado sugere que a China está reduzindo o componente importado utilizado na produção desses bens. Logo, o valor doméstico agregado nesses está crescendo substancialmente (IPEA, 2008).

Esse fato contesta a tese de que a principal vantagem competitiva da China seria o baixo custo de sua mão de obra. Algumas províncias da China, como Shanghai, teriam uma dotação maior de capital e mão de obra qualificada, possibilitando a diversificação das exportações chinesas em produtos de alta tecnologia (IPEA, 2008).

No entanto, esse modelo já está se alterando no sentido de agregar cada vez mais valor à produção e às exportações de bens intensivos em conhecimento. Esse aspecto é abordado explicitamente no 11º Plano Quinquenal. Cada vez mais, a China está buscando aumentar o conteúdo tecnológico local de suas exportações por meio da absorção de tecnologia, mas também, ainda que de forma incipiente, pela geração de conhecimento, inclusive desenvolvendo marcas próprias, como é o caso dos computadores pessoais da marca Lenovo (IPEA, 2008, p. 13).

Essa diversificação pode ser exemplificada pela crescente transferência tecnológica de empresas multinacionais que abriram maiores possibilidades de mercado para a China. Vieram, a partir de então, investimentos em pesquisa e educação, para o desenvolvimento de mercados mais sofisticados. Para Harvey (2005) essa particular medida

de investimentos em pesquisa e desenvolvimento veio com o aprendizado da política japonesa.

Em um aspecto chave, a China, evidentemente, aprendeu com o Japão. A modernização da educação e da ciência tinha que ir de mãos dadas com uma estratégia definitiva de pesquisa e desenvolvimento para ambos os fins, militares e civis. O investimento chinês nestes domínios tem sido significativo. E agora ainda oferece seus serviços como um provedor de satélite comercial (para irritação dos EUA). Mas a partir do final dos anos 1990 em diante, as empresas estrangeiras começaram a transferir um significativo montante da sua atividade de pesquisa e desenvolvimento para a China. Microsoft, Oracle, Motorola, Siemens, IBM, e Intel têm todos desenvolvidos laboratórios de pesquisa na China por causa de sua "crescente importância e sofisticação como um mercado para a tecnologia" e seu 'grande reservatório de cientistas qualificados, mas de baixo custo, e seus consumidores, ainda relativamente pobres, mas crescente, mais rica e mais ansiosos para uma nova tecnologia'. Mais de 200 grandes empresas estrangeiras, inclusive gigantes como a BP e a General Motors, já colocaram uma significativa parte de seus projetos de pesquisa na China<sup>4</sup> (HARVEY; 2005; p. 143, tradução nossa).

Grande parte desses investimentos é atraída pelo baixo custo de produção e relativa capacidade da mão de obra chinesa. Essa transferência de investimentos tecnológicos tem como efeito negativo a perda de empregos em outros países como o México, Coreia e Japão, como podemos ver no trabalho de Harvey:

Durante os anos 1990, a China começou a para subir a escada do valor acrescentado da produção e a competir com a Coreia do Sul, Japão, Taiwan, Malásia e Singapura, em esferas, como eletrônicos e maquinário. Isso ocorreu em parte quando empresas nesses países decidiram mudar a sua produção no exterior para aproveitar a grande disponibilidade de baixo custo e de trabalhadores altamente qualificados sendo agitado pelo sistema universitário chinês. Inicialmente, o maior afluxo veio de Taiwan. Tal como muitos como 1 milhão de empresários de Taiwan e engenheiros estão agora pensando em viver e trabalhar na China, levando grande parte da capacidade de produção com eles. O ingresso da Coreia do Sul também tem sido forte. Empresas coreanas de eletrônicos agora tem operações substanciais na China. Em setembro de 2003, por exemplo, a Samsung Electronics anunciou que estava mudando todo o seu negócio de tomada de PC para a China, tendo anteriormente investidos 2500 milhões de dólares por lá', criando 10 filiais de vendas e 26 empresas de produção, empregando um total de 42.000 pessoas. A terceirização japonesa de produção para a China contribuiu para o declínio no emprego industrial japonês de 15,7 milhões em 1992 para 13,1 milhões no 2001 as empresas japonesas também começaram a retirar da Malásia, Tailândia e em outros lugares, a fim de mudar para a China. Eles agora estão investindo tão fortemente na China, que mais da metade do comércio China-Japão é realizado entre empresas japonesas. Tal como

---

<sup>4</sup> In one key respect China evidently learned from Japan. The modernization of education and science had to go hand in hand with a definitive strategy of research and development for both military and civilian purposes. Chinese investment in these fields has been significant. It now even offers its services as a commercial satellite provider (much to the irritation of the US). But from the late 1990s on, foreign corporations began to transfer a significant amount of their research and development activity into China. Microsoft, Oracle, Motorola, Siemens, IBM, and Intel have all set up research laboratories in China because of its 'growing importance and sophistication as a market for technology' and its 'large reservoir of skilled but inexpensive scientists, and its consumers, still relatively poor but growing richer and eager for new technology'. More than 200 major foreign corporations, including such giants as BP and General Motors, have now placed a significant part of their research effort in China.

aconteceu nos EUA, as corporações podem estar muito bem enquanto seus países de origem sofrem. China tem deslocado mais empregos na indústria do Japão, Coreia do Sul, México, e em outros lugares do que tem dos EUA<sup>5</sup> (HARVEY, 2005, p. 147, tradução nossa).

Para Harvey (2005), essa mudança de produção e ganho de mercado chinês, foi a causa da perda de mais de 200 mil empregos no México, além de competir e ganhar espaço no investimento estrangeiro em detrimento de outras nações que também detêm mão de obra com baixo custo, como a Tailândia, a Indonésia e o Vietnã.

O fato de muitas empresas estarem mudando sua base produtiva para a China é o que está fazendo com que muitos empregos dos países desenvolvidos também migrem para as indústrias chinesas. Os Estados Unidos têm sentido fortemente a queda nos empregos industriais, resultado de uma forte expansão das importações dos produtos chineses e transferência de sua base produtiva.

O que irá acontecer com os funcionários das empresas norte-americanas? Uma corrente constante de estatísticas e previsões fornecidas pelos grandes consultores e instituições financeiras pinta um quadro sombrio. No final do ano de 2003, a Forrester Research previu que cerca de 830 mil norte-americanos perderiam seus empregos até 2005, à medida que as companhias transferissem suas operações para o exterior, e que outros 3,3 milhões veriam seus empregos desaparecerem até o final de 2015. A Goldman Sachs, principal banco de investimento do mundo, afirmou que 6 milhões de empregos deixariam os Estados Unidos até o fim de 2014, a um custo de 150 bilhões de dólares de salário para os norte-americanos. Um estudo feito pelos economistas da Universidade da Califórnia em Berkeley constatou que somente no setor de serviços 14 milhões de empregos poderiam migrar para fora dos Estados Unidos no espaço de uma década. Isso equivale a 10% de toda força de trabalho dos Estados Unidos. Os pesquisadores de Berkeley identificaram especificamente a China como o destino dos empregos, não apenas provenientes dos Estados Unidos, mas de outros países em desenvolvimento que hoje em dia são preferidos pelas empresas globais em busca de vantagens competitivas (FISHMAN, 2005, p. 200).

Os investimentos em pesquisa e tecnologia, como já mencionados, partiram primeiramente das ZEEs, foram os principais condicionantes da mudança ou evolução na

---

<sup>5</sup> During the 1990s China began to move up the value-added ladder of production and to compete with South Korea, Japan, Taiwan, Malaysia, and Singapore in spheres such as electronics and machine tools. This occurred in part as corporations in those countries decided to move their production offshore to take advantage of the large pool of low-cost and highly skilled labourers being churned out by the Chinese university system. Initially, the biggest inflow came from Taiwan. As many as 1 million Taiwanese entrepreneurs and engineers are now thought to be living and working in China, taking a lot of production capacity with them. The inflow from South Korea has also been strong (see Figure 4.4). Korean electronics corporations now have substantial operations in China. In September 2003, Samsung Electronics announced it was moving its entire PC-making business to China, having previously invested \$2.5 billion there, 'creating 10 sales subsidiaries and 26 production companies, employing a total of 42,000 people'.<sup>35</sup> Japanese outsourcing of production to China contributed to the decline in Japanese manufacturing employment from 15.7 million in 1992 to 13.1 million in 2001. Japanese companies also began to withdraw from Malaysia, Thailand, and elsewhere in order to relocate in China. They are now so heavily invested in China that 'more than half of China-Japan trade is conducted among Japanese companies. As happened in the US, corporations can do very well while their home countries suffer. China has displaced more manufacturing jobs from Japan, South Korea, Mexico, and elsewhere than it has from the US.

pauta de exportação chinesa. Hoje a China não é apenas conhecida como produtora de produtos intensivos em mão de obra, mas já se destaca na produção de maquinários de alta tecnologia, eletroeletrônicos, *softwares*, dentre outros produtos de tecnologia de ponta. Aos poucos, a China avança em reconhecimento e se consolida como grade exportadora e produtora de bens manufaturados.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crise mundial de 2008 foi determinante para o declínio da Alemanha, como maior exportadora, e dos Estados Unidos, como maior produtor industrial do mundo. A Alemanha, que sempre se destacou por seus produtos de alta qualidade, sofreu bastante com a queda da demanda na Europa e nos Estados Unidos. Como consequência, sofreu com o aumento da pobreza, endividamento público e queda no crescimento econômico.

Os Estados Unidos também foram fortemente atingidos. A começar pelo crescimento do desemprego e aumento do endividamento do Estado. A economia parou de crescer e viu o poder da indústria chinesa continuar crescendo mesmo em meio à crise. As políticas macroeconômicas não foram capazes de sustentar o país no posto de maior produtor industrial do mundo.

A industrialização chinesa teve seus primeiros passos ainda com Mao Tsé-Tung, embora com políticas pouco efetivas e milhões de mortes de camponeses, Mao conseguiu desenvolver a indústria pesada da China, que teve bons resultados na educação e na saúde pública. Esses anos foram fundamentais para que China se estruturasse para as altas taxas de crescimento da década de 80.

Deng Xiaoping foi o líder chinês que trouxe as reformas necessárias ao desenvolvimento do comércio exterior chinês. Suas principais medidas foram a abertura comercial, o retorno dos intelectuais para o planejamento estatal, a criação das quatro Zonas Econômicas Especiais, e as reformas no campo e na indústria.

Concluimos que o principal fator que tornou a China o maior produtor industrial do mundo foram os investimentos e planejamentos estatais, que através do oitavo e nono Planos Quinquenais realizaram os investimentos necessários em infraestrutura e incremento tecnológico por meio de importação de bens de capital. Posteriormente, temos o desenvolvimento de setores estratégicos para a indústria, como o químico, o siderúrgico e o de eletrônicos.

Os investimentos estrangeiros estiveram diretamente associados à criação das Zonas Econômicas Especiais, que atraíam investidores estrangeiros pelas vantagens fiscais e subsídios do governo. A mão de obra barata e abundante, gerada por uma oferta quase infinitamente elástica que vinha dos campos, também se consolidou como um grande diferencial para investidores que buscavam baixos custos de produção e altas margens de lucro. Os baixos custos de produção fazem com que os preços da China sejam modelos a serem batidos em todo o mundo.

A taxa de câmbio desvalorizada em relação à moeda americana tem sido objeto de críticas pelos Estados Unidos. O câmbio chinês é uma de suas maiores vantagens competitivas, o que contribui para que seus preços sejam cada vez mais difíceis de serem alcançados no comércio exterior.

Para finalizar, devemos destacar os altos investimentos da China em pesquisa e tecnologia, desenvolvendo setores que há muitos anos são dominados por países desenvolvidos da Ásia (Japão), Europa (Alemanha) e pelos Estados Unidos. Como consequência, houve uma grande migração de empregos em todo o mundo para a China, além de uma mudança significativa na pauta de exportações chinesas.

Acreditamos que a China ainda possui grandes obstáculos a vencer, como a garantia de melhores direitos trabalhistas para o seu povo, as questões ambientais e a melhor organização operacional de suas indústrias.

O comércio exterior chinês tende a ganhar maiores fatias no mercado internacional, visto que as indústrias chinesas estão conseguindo reconhecimento das padronizações internacionais ou os ISOs (International Organization for Standardization), embora ainda estejam distantes da qualidade e organização dos países desenvolvidos, como Alemanha e Japão.

A China deve ser tratada não somente como ameaça aos produtores nacionais. A indústria chinesa exporta deflação e dá exemplo de produtividade, podendo contribuir para uma indústria nacional mais eficiente e com melhores preços. A China pode e deve ser tratada como uma grande aliada e parceira comercial, devido a sua capacidade de suprimentos de bens de capital a baixo custo e do alto poder de consumo de seu mercado interno, que empurra os preços para cima.

## REFERÊNCIAS

ACIOLY, Luciana. China: uma inserção externa diferenciada. *Boletim de Economia Política Internacional: Análise Estratégica*, n. 7, out./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.eco.unicamp.br/docprod/downarq.php?id=104&tp=a>>. Acesso em: 19 set. 2014.

ACIOLY, Luciana; MATIJASCIC, Milko; CHERNAVSKY, Emilio *et al.* Desdobramentos de curto e médio prazo da crise atual. **Texto para discussão**, Rio de Janeiro, n. 1441, dez. de 2009. Disponível em: <[http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/2622/1/TD\\_1441.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/2622/1/TD_1441.pdf)>. Acesso em: 14 jul. 2014.

ANDRADE, Daniel Caixeta. **Fatores condicionantes do crescimento econômico de longo prazo na China**: aspectos teóricos e investigação empírica. Uberlândia janeiro de 2006. Disponível em: <<http://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/2430/1/FatoresCondicionantesCrescimento.pdf>>. Acesso em: 9 out. 2014.

CARVALHO, Cecília; CATERMOL, Fabrício. As relações econômicas entre China e EUA: Resgate histórico e implicações. **Revista do BNDES**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 31, 2009, p. 215-252.

CHANDRASEKHAR, C. P.; GOSHI, Jayati. Recent employment trends in India and China: An unfortunate convergence? **India Journal of Labor Economics**, v. 50, n. 3, jul./set. 2007, pp. 383-406.

CUNHA, Moreira André; BIANCARELI, André Martins; PRATES, Daniela Magalhães. A diplomacia do *Yuan Fraco*. **Revista de Economia Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, set./dez. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-98482007000300006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-98482007000300006)>. Acesso em: 27 jul. 2014.

CUNHA, A. M. A China e o Brasil na nova ordem internacional. Dossiê China: Desenvolvimento Econômico e Segurança. **Revista Sociologia e Política**, Curitiba, v. 19, n. suplementar, nov. 2011. p. 9-29.

DAUDERSTÄDT, Michael. A Alemanha e a Crise: vitórias pírricas. **Revista Nueva Sociedad especial em português**, set. 2013. Disponível em: <[http://www.nuso.org/upload/articulos/3967\\_1.pdf](http://www.nuso.org/upload/articulos/3967_1.pdf)>. Acesso em: 11 set. 2014.

FAIRBANK, John King; GOLDMAN, Merle. **China: A new history**. Harvard University Press, 2006.

FISHMAN, Ted C. **China S.A**: como o crescimento da próxima superpotência desafia os Estados Unidos e o mundo. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

FRANKEL, J. On The Renmimbi: The Choice Between Adjustment Under a Fixed Exchange Rate and Adjustment Under a Flexible Rate. **NBER Working Paper Series**, n. 11.274, abr. 2005.

GERMET, Jacques. **A history of Chinese civilization**. Tradução de J.R. Foster e Charles Hartman. 2. ed. Cambridge University Press, 1996.

GINER, J. M. e G. Giner, An interpretative model of foreign direct investment in China: An economic policy approach. **China Economic Review**, n. 15, 2004, pp. 268-80.

HARVEY, David. **A brief history of neoliberalism**. Oxford University Press, 2005. Disponível em: <<http://www.sok.bz/web/media/video/ABriefHistoryNeoliberalism.pdf>>. Acesso em: 1º out. 2014.

LYRIO, Mauricio Carvalho. **A ascensão da China como potência: fundamentos políticos internos**. Brasília: FUNAG, 2010.

MILARÉ, Luís Felipe Lopes; DIEGUES, Antônio Carlos. Construções da Era Mao Tsé-Tung para a Industrialização Chinesa. **Revista Economia Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, maio/ago. 2012 p. 359-378. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rec/v16n2/a09v16n2.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2014.

NONNENBERG, Marcelo Braga. China: estabilidade e crescimento econômico. **Revista de Economia Política**, Brasília, v. 30, n. 2 (118), abr./jun. 2010. p. 201-218.

NONNENBERG, Marcelo Braga; LEVY, Paulo Mansur; DE NEGRI, Fernanda; COSTA, Catarina Pereira da. O crescimento econômico e a competitividade chinesa. **Texto para discussão**, Rio de Janeiro, n. 1333, abr. 2008. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td\\_1333.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_1333.pdf)>. Acesso em: 14 jul. 2004.

MASIERO, Gilmar; COELHO, Diego Bonaldo. A política industrial chinesa como determinante de sua estratégia *going global*. **Revista de Economia Política**, v. 34, n. 1 (134), jan./mar. 2014. pp 139-157. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rep/v34n1/v34n1a09>>. Acesso em: 9 set. 2014.

MEDEIROS, Carlos Aguiar de. O ciclo recente de crescimento chinês e seus desafios. **Observatório da Economia Global**, n. 3, jun. 2010. Disponível em: <[http://www.iececon.net/arquivos/OBSERVATORIO\\_3.pdf](http://www.iececon.net/arquivos/OBSERVATORIO_3.pdf)>. Acesso em: 17 jul. 2014.

\_\_\_\_\_. A China como um duplo pólo na economia mundial e a recentralização da economia asiática. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 26, n.3, jul./set. 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-31572006000300004&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-31572006000300004&script=sci_arttext)>. Acesso em: 15 jul. 2014.

MENDONÇA, Bruno Macêdo. **A transição de Deng Xiaoping e a China contemporânea: continuidade e aprofundamento das reformas na era globalizada**. 2009. 69 p. Monografia (Especialização em Relações Internacionais) - Instituto de Relações Internacionais, Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <[http://bdm.unb.br/bitstream/10483/1142/1/2009\\_BrunoMacedoMendon%C3%A7a.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/1142/1/2009_BrunoMacedoMendon%C3%A7a.pdf)>. Acesso em: 8 jul. 2014.

MORRISON, Wayne M. China's economic rise: history, trends, challenges an implications for the United States. **Congressional Research Service**, dez. 2013. Agosto/2014.

OURIQUES, Helton Ricardo; ANDRADE, Ricardo Sugai de. A mobilidade do trabalho na China: o sistema de registro *hukou*. **Pesquisa & debate**, São Paulo, v. 20, n. 2, 2009. pp. 233-257.

\_\_\_\_\_. Desenvolvimento, migração e urbanização: notas introdutórias. **Revista de Desenvolvimento Econômico**, Salvador, ano 12, n. 21, jul. 2010. .

SULEIMAN, Amanda Battaglini. **O desenvolvimento econômico chinês pós-1949**. 2008. 45 p. Monografia (Graduação em Economia) – Faculdade de Economia, Fundação Armando Alves Penteadó, São Paulo, 2008. Disponível em:  
<[http://www.fAAP.br/faculdades/economia/pdf/monografias/amanda\\_battaglini.pdf](http://www.fAAP.br/faculdades/economia/pdf/monografias/amanda_battaglini.pdf)>. Acesso em: 7 set. 2014.

VIEIRA, Flavio Vilela. China: crescimento econômico de longo prazo. **Revista de economia política**, São Paulo, v. 26, n. 3, jul./set. 2006. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-31572006000300005&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-31572006000300005&script=sci_arttext)>. Acesso em: 21 jul. 2014.